



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO
COMPORTAMENTO

Resiliência em Famílias de baixa renda: percepções de professores e familiares

Larissa Araújo Matos

Belém

2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
NÚCLEO DE TEORIA E PESQUISA DO COMPORTAMENTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO
COMPORTAMENTO

Resiliência em Famílias de baixa renda: percepções de professores e familiares

Larissa Araújo Matos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento da Universidade Federal do Pará como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria e Pesquisa do Comportamento.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Souza da Costa Silva (UFPA)

Trabalho parcialmente financiado pelo CAPES, através de bolsa de mestrado.

Belém

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
Núcleo de Teoria e Pesquisa do Comportamento - NTPC
Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa
do Comportamento - PPGTPC

E-mail: laercio@ufpa.br/comporta@ufpa.br
Fones: 3201-8476 / 3201-8542
Rua Augusto Corrêa, nº 01
Guamá Cep: 66.075-110
Belém - Pará



Dissertação de Mestrado

“Resiliência em Famílias de Baixa Renda: percepções de professores e familiares.”


Aluna: Larissa Araújo Matos.

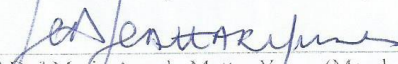
Data da Defesa: 28 de Agosto de 2015.

Resultado: Aprovada.

Banca examinadora:


Prof.ª Dr.ª Simone Souza da Costa Silva (Orientadora - UFPA).


Prof. Dr. Fernando Augusto Ramos Pontes (Membro – UFPA).


Prof.ª Dr.ª Maria Angela Mattar Yunes (Membro – UFRG).

Sumário

<u>Resumo</u>	8
<u>Introdução</u>	9
<u>Estudo I: Resiliencia familiar: o olhar de professores acerca de famílias pobres</u> ...14	
<u>Resumo</u>	14
<u>Introdução</u>	15
<u>Método</u>	16
<u>Resultados</u>	23
<u>Considerações Finais</u>	34
<u>Estudo II: Famílias de baixa renda: fatores de risco e padrões de resiliência</u>	35
<u>Resumo</u>	36
<u>Introdução</u>	36
<u>Método</u>	39
<u>Resultados</u>	42
<u>Considerações Finais</u>	52
CONCLUSÃO.....	54
REFERÊNCIAS.....	56
APÊNDICES.....	60

AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma forma de perceber que nada conseguimos sozinhos, estamos sempre precisando do auxílio de outras pessoas para o nosso crescimento pessoal e profissional. E sabendo disto, esta parte da dissertação é tão especial e imprescindível na conclusão destes dois anos de estudo e trabalho.

Em primeiro lugar agradeço minha irmã, Lorena Matos, com ela aprendo todo santo dia a ser melhor enquanto pessoa e me esforço para melhorar enquanto profissional. Me dá forças desde que me entendo por gente e sem o apoio incondicional dela em mais esta etapa da vida seria muito difícil seguir diante de alguns obstáculos que surgiram durante este percurso. Você é meu melhor exemplo de ser humano, obrigada por tudo.

Agradeço a meus pais, Elaine e Gilson Matos, pelo apoio e incentivo de continuar os estudos acreditando sempre que futuramente o retorno, não só financeiro, será recompensador.

Aos amigos que ao longo destes 24 anos passaram, alguns ficaram, outros se foram e deixaram suas marcas em minha vida e ensinamentos que levo sempre.

Ao meu namorado e amigo, Raphael, nos conhecemos há exatos 2 anos, período do mestrado e do seu jeito alegre e engraçado fez meus dias de agonia ficarem mais leves.

Não poderia deixar de agradecer de maneira especial aos profissionais que conheci desde a graduação. Um especial agradecimento a Professora Lília Cavalcante, se não fosse por ela certamente eu não teria seguido o caminho da pesquisa. As aulas no estágio foram fundamentais para crescer em mim uma admiração a profissional exemplar que ela é e me fizeram ter a vontade de pesquisar, sou muito grata por ter cruzado o caminho com uma profissional e pessoa do seu gabarito.

Grata por toda atenção da Thamyris Maués, correções, conversas e aprendizado. Você também é uma profissional que merece o mais alto lugar por ser inteligente e principalmente saber compartilhar todo seu conhecimento com humildade.

Agradeço aos professores que aceitaram fazer parte da banca. Maria Angela Mattar Yunes é gratificante receber você neste momento tão importante, saliento toda a admiração que tenho por seu trabalho, após ler seus estudos que este trabalho passou a ter corpo. E ao professor Fernando Pontes que certamente trará significativas contribuições ao trabalho.

E por fim, um agradecimento de coração da minha orientadora Simone Silva por ter me recebido como orientanda, pelos inúmeros momentos de conhecimento aprendido por mim através de suas falas acessíveis e de extrema relevância. Tive sorte em ter conhecido e trabalhado com uma profissional com tamanha competência como a sua.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização dos professores participantes	20
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Processos-Chave da Resiliência Familiar.....	23
Figura 2. Padrões Organizacionais.....	24
Figura 3. Sistema de Crenças.....	30
Figura 4. Processos de Comunicação.....	32
Figura 5. Processos-Chave da Resiliência familiar nas famílias.....	45
Figura 6. Sistema de Crenças das famílias.....	46
Figura 7. Padrões Organizacionais das famílias.....	49
Figura 8. Processos de Comunicação das famílias.....	52

Resumo: O objetivo desta dissertação foi compreender a resiliência familiar sob dois pontos de vista. O primeiro referente a percepção de professores sobre as possibilidades de resiliência nas famílias de seus alunos em situação de vulnerabilidade social e o segundo sob a visão de um membro das famílias sobre as características de resiliência em seus respectivos grupos familiares. Para isso, foram realizados dois estudos qualitativos exploratórios. O estudo I foi realizado com os professores e teve o objetivo de compreender a percepção dos professores sobre a resiliência em famílias pobres. Participaram do estudo I onze professores de 1º ao 5º ano que responderam uma entrevista semiestruturada, cujo roteiro era constituído por questões de caracterização e outras que permitiam revelar a percepção dos professores sobre as famílias dos seus alunos e uma entrevista coletiva que teve por objetivo obter informações sobre a percepção dos profissionais acerca da resiliência familiar. Os dados foram coletados e categorizados com base na literatura de resiliência familiar e análise de conteúdo sendo operacionalizados com auxílio do software Nvivo versão 10. Os resultados mostraram que os professores identificaram os elementos da resiliência familiar, entretanto, não perceberam estes aspectos nas famílias de seus alunos, portanto tendem a ter uma percepção negativa e pessimista sobre as possibilidades de sucesso e resiliência nestes grupos. Já no estudo II participaram 16 mães e/ou responsáveis por crianças de 1º ao 5º ano da escola que responderam um instrumento sociodemográfico, e participaram de uma entrevista coletiva, com o objetivo de identificar como as famílias reagem diante de situações de problema e com quem podem contar. Os dados foram coletados e categorizados com base na literatura de resiliência familiar e análise de conteúdo e operacionalizados com o auxílio do software Nvivo versão 10. Os dados mostraram que as famílias estão expostas a algumas situações ameaçadoras ao desenvolvimento. No entanto, apesar dos riscos associados à pobreza, observou-se fatores intrafamiliares protetivos, geradores de benefícios ao desenvolvimento das gerações mais jovens. Esses dois estudos estão interligados em seus objetivos e resultados uma vez que Estes dois estudos são complementares nos seus objetivos e nas implicações de seus resultados. Alguns aspectos chamaram a atenção nos estudos e que se interligam. O primeiro é que os pais e/ou responsáveis pelas crianças identificam os professores apenas como profissionais “conteudistas”, ou seja, enxergam estes professores apenas como um fonte de sanar dúvidas com deveres de casa dos filhos esse dado tem relação com a baixa escolaridade dos responsáveis. Outro aspecto que o presente estudo traz é a visão negativa que a escola tem de que as famílias não valorizam a educação e o estudo II aponta que as 16 participantes demonstraram valorizar e acreditar que por meio da educação o futuro dos seus filhos será melhor, entretanto, apesar das participantes demonstrarem o valor positivo que dão para a educação elas não acreditam na possibilidade de seus filhos virem a se tornar profissionais de qualificação superior, mas conformam-se que eles tenham uma ocupação profissional digna e não necessariamente ascendam socialmente. Portanto, através desses estudos é possível planejar ações que estabeleçam pontes entre estes dois microsistemas, ou seja, canais de comunicação entre a família e a escola de modo que os professores tenham acesso aos aspectos positivos do funcionamento das famílias pobres que atendem e, por sua vez, que favoreçam às famílias a capacidade de identificar os professores como uma importante rede de apoio. Sugere-se que outras pesquisas acerca da resiliência familiar sejam realizadas com intuito de conhecer como as crenças de profissionais que atuam com famílias pobres influenciam em suas práticas profissionais com estes sujeitos e como as famílias se organizam diante de situações de adversidades reais. Ademais, pesquisas futuras podem contribuir com o estudo da resiliência familiar identificando o papel da escola, em particular, dos professores nas estratégias de enfrentamento das adversidades vividas pelas famílias pobres.

Palavras-Chave: Resiliência Familiar, Percepção de Professores, Pobreza

O avanço científico e tecnológico tem oferecido respostas a inúmeras questões que tem permitido a melhora na qualidade de vida das pessoas. Todavia, apesar do desenvolvimento que a sociedade moderna tem testemunhado, persistem perguntas que se colocam como desafios à comunidade científica, por exemplo, que elementos favorecem o crescimento pessoal, a superação dos obstáculos por algumas pessoas a despeito da natureza e intensidade das adversidades postas por diferentes contextos sociais? Responder a questões como esta permitirá entender o inverso, ou seja, que aspectos precisam ser desenvolvidos nas pessoas de modo que estas tenham um desenvolvimento adequado.

Em uma palavra, os cientistas do desenvolvimento têm respondido a esta e outras questões através do conceito de resiliência. Este é um conceito originário da física, ciência na qual este constructo é definido como a capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação plástica (Yunes, 2001). Na Psicologia, o conceito de resiliência não é tão preciso, pois deve-se considerar, ao pesquisar o desenvolvimento humano, a multiplicidade e a complexidade de fatores e variáveis que influenciam esse processo.

Inicialmente, as pesquisas utilizavam o conceito de invulnerabilidade ou invencibilidade para definir resiliência. Este termo apresentava a ideia de resistência absoluta aos problemas, sugerindo que era uma característica que se aplicava a todas situações de risco e que seria uma característica individual, além de ser um elemento constante. Para Rutter (1993), esta concepção não fazia sentido, visto que o autor não considera a resiliência um atributo exclusivamente individual e tão pouco que está presente em todos os momentos da vida.

Autores como Poletto e Koller (2008) e Yunes (2001) consideram que resiliência não denota resistência absoluta a qualquer adversidade, pelo contrário, pode implicar enfrentamento de eventos estressores. Em alguns momentos pode não ocorrer a superação das

adversidades, além disso, não significa que estes eventos não exerçam influência sobre os indivíduos.

A noção de resiliência tem sido tratada na literatura considerando unidades distintas, a saber: o indivíduo e a família. Embora sejam conceitos semelhantes, a maneira de pesquisá-los e principalmente, analisá-los é distinta.

Nesse sentido, a resiliência individual deriva de características pessoais como sexo, temperamento, personalidade, partindo do princípio que o sujeito tem “algo interno” que o diferencia dos demais indivíduos. Esta visão é refutada por Masten (2001), que entende que a resiliência não advém de qualidades raras e especiais, mas a partir da “magia cotidiana” de recursos das crianças, das famílias e seus relacionamentos em suas comunidades. Para esta autora, a resiliência parece ser um fenômeno comum, que resulta na maioria dos casos da operação de “sistemas humanos básicos adaptativos”. Se esses sistemas são protegidos e estão em boas condições de funcionamento, o desenvolvimento é positivo, mesmo em face da adversidade, entretanto, se estes sistemas principais são prejudicados, antecedente ou consequente à adversidade, então o risco de problemas no desenvolvimento é muito maior, principalmente se os riscos ambientais são prolongados (Masten, 2001).

Em relação a pesquisa sobre resiliência familiar é preciso compreendê-la a partir de uma visão sistêmica da família, percebendo a influência que a família como um todo exerce sobre seus membros para a superação de problemas. Walsh (2005) propõe uma estrutura conceitual, para estudar a resiliência familiar, que compreende três aspectos: sistemas de crença, padrões organizacionais e processos de comunicação que quando funcionam bem favorecem o fortalecimento das famílias.

É consenso de que este é um fenômeno que ocorre necessariamente em contextos ameaçadores ao desenvolvimento, ou seja, marcados por fatores de risco. Neste sentido, a

discussão sobre os fatores de risco é imprescindível nas investigações sobre resiliência (Silva, Lacharité, Silva, Lunardi & Lunardi, 2009).

A exposição a fatores de risco pode exacerbar condição de vulnerabilidade, potencializando situações desfavoráveis ao desenvolvimento ou mesmo impossibilitando que os indivíduos respondam de forma satisfatória ao evento estressor. Desta forma, risco implica em resultados negativos e indesejáveis no desenvolvimento do indivíduo. A pobreza é um fator de risco que pode influenciar significativamente o desenvolvimento humano e ela é vista como um estado no qual o ser humano está inserido em condições adversas de sobrevivência material e simbólica (Cidade, Junior & Ximenes, 2011).

No âmbito dessa discussão, a pobreza tem sido considerada como um tipo de ameaça constante que aumenta a vulnerabilidade de crianças e adultos, pois pode causar dentre outros, acesso inadequado a serviços públicos, baixo nível escolar e socioeconômico. Pesquisadores ressaltam que viver na pobreza consiste em uma ameaça ao bem-estar do indivíduo e uma limitação colocada às oportunidades de desenvolvimento. A condição socioeconômica desfavorável das famílias é um fator que não vem desacompanhado, pois permeia a relação conjugal, contribuindo para o aumento da incidência de conflitos entre os pais e produzindo um efeito direto no relacionamento desses com a criança (Pilz & Scherman, 2007).

Apesar disso, alguns fatores contribuem com a superação de famílias em situação de risco. E por isso não se deve desconsiderar que no contexto que os indivíduos se desenvolvem existem outros elementos presentes, o que implica em reconhecer e investigar a presença de fatores que podem proteger o ser humano, amenizando os efeitos negativos dos riscos (Santos, 2011; Silva, Elsen & Lancharité, 2003).

Estudo realizado por Rutter (1993) trouxe uma reflexão importante sobre fatores de proteção, ao apontar que para as crianças de meios desfavorecidos, experiências positivas na

escola tornam mais provável o desenvolvimento saudável. Mesmo permanecendo em ambientes desfavoráveis ao desenvolvimento, o sucesso em uma área dá às pessoas sentimentos positivos de auto-estima e auto-eficácia, tornando mais provável que sejam indivíduos com a confiança para tomar medidas ativas e satisfatórias para enfrentar os desafios da vida em outros domínios.

A escola pode funcionar como proteção para indivíduos e grupos, ela é um contexto fundamental para o desenvolvimento humano, é um ambiente diversificado de aprendizagem, ou seja, local que contém uma variedade de atividades, regras, conhecimento e interações. Este espaço é permeado por relações positivas, mas também por conflitos, problemas e diferenças. É considerado um ambiente multicultural que tem como objetivo repassar conteúdo, construir laços e preparar os indivíduos para a inserção na sociedade (Dessen & Polonia, 2007)

Neste contexto, os professores são elementos chave no processo ensino-aprendizagem e também nas ações referentes ao relacionamento com as famílias. Estudos têm mostrado (Mazzoti, 2006; Tancredi & Raeli, 2001; Yunes, 2001, 2005) que as percepções, crenças e metas dos professores influenciam no contato com os alunos, repercutindo também no modo como se relacionam com os familiares de seus alunos.

Dada a importância que o professor tem na sociedade, é imprescindível que esse profissional perceba as famílias pobres como um grupo que enfrenta problemas, muitos deles que estão fora do seu controle e não provocados por eles. As dificuldades que as famílias pobres passam estão ligadas aos problemas sociais, por exemplo, exploração do trabalhador, escassas oportunidades de emprego e educação dignas dentre outros fatores que influenciam a dinâmica desses sujeitos (Silva, 2010).

Portanto, estudar as percepções destes profissionais da educação sobre as famílias permite conhecer se eles acreditam que o grupo familiar, mesmo vivendo em condições

difíceis, consegue se organizar de modo a garantir a educação de seus filhos. Ademais possibilita verificar se os tipos de relações que têm sido adotados por esses profissionais no seu dia-a-dia com as famílias pobres favorecem ou não o desenvolvimento e a autonomia destes sujeitos.

Yunes (2001, 2005) mostrou que profissionais de diferentes áreas tendem a atuar culpando a vítima, as famílias pobres, pela situação em que se encontram. Dentre outras características descritas, a acomodação das famílias foi unânime no discurso dos profissionais. Eles acreditavam que pessoas pobres tendem a perpetuar a situação de pobreza uma vez que estas não tem vontade de sair da situação em que vivem.

Em geral, os estudos mostram que os profissionais tendem a desconsiderar a trajetória de privações sociais que as famílias pobres enfrentam durante gerações numa mesma família o que torna essencial ao profissional reconhecer as reais dificuldades vivenciadas historicamente por essas famílias e diante disso estabelecer, no mínimo, uma relação empática e estimuladora capaz de influenciar as famílias a favor da consciência de transformação nesses sujeitos (Silva, 2010; Yunes, 2003).

Considerando a importância dos estudos sobre resiliência, esta pesquisa teve por objetivo geral descrever a resiliência familiar na perspectiva de professores e de um dos membros das famílias. Este objetivo foi alcançado em dois estudos que estão organizados na forma de artigos. O primeiro buscou compreender a resiliência familiar do ponto de vista de professores acerca das famílias de seus alunos em situação de vulnerabilidade social e o segundo descreveu os fatores de risco e os padrões de resiliência em famílias em situação de pobreza a partir das percepções de um de seus membros.

Estudo I: Resiliência familiar: o olhar de professores acerca de famílias pobres

Resumo: Compreender a resiliência familiar é entender a dinâmica entre a família e o seu meio ambiente, o que implica em identificar os fatores de risco e de proteção que podem contribuir ou não para o fortalecimento deste fenômeno. Um fator de risco relevante é a pobreza, pois esta pode alterar o desenvolvimento da família de maneira saudável. Porém, existem fatores que protegem os indivíduos e grupos deste risco dentre os quais destacam-se a escola e os professores, que atuam mais diretamente com as famílias, podendo atuar no sentido de proporcionar um desenvolvimento saudável diante das dificuldades. O objetivo da presente pesquisa foi compreender a resiliência familiar, sob o ponto de vista de professores, acerca das famílias de seus alunos em situação de vulnerabilidade social. A coleta dos dados foi realizada em uma escola estadual de ensino fundamental, localizada na periferia da cidade de Belém do Pará. Participaram deste estudo onze professores de 1º ao 5º ano que responderam um instrumento de caracterização e entrevista coletiva realizada com base em duas histórias fictícias de famílias comumente encontradas na instituição, em uma família o desempenho acadêmico era satisfatório e na outra não, diante disso foram formuladas questões que fizessem os professores darem suas percepções do porquê desta diferença. Os dados foram coletados e categorizados com base na literatura de resiliência familiar e análise de conteúdo operacionalizados com o auxílio do software Nvivo versão 10. Os resultados mostraram que os professores identificaram os elementos da resiliência familiar, entretanto, não perceberam estes aspectos nas famílias de seus alunos, portanto tendem a ter uma percepção negativa e pessimista sobre as possibilidades de sucesso e resiliência nestes grupos.

Palavras-chave: Pobreza; Percepção de Professores; Resiliência Familiar.

Abstract: Understanding the family resilience is to understand the dynamics between the family and their environment, therefore, risk and protective factors that can contribute or not to strengthen this phenomenon. Poverty is an important risk factor that can alter the development of the family in a healthy way, but there are factors that protect individuals and groups of this risk among which stands out: the school and the teachers who work most directly with families may act to provide a healthy development in the face of difficulties. The aim of this study was to describe the family resilience, under the teachers point of view about the families of their students in socially vulnerable. The project was executed in a state elementary school, located on the outskirts of the city of Belém do Pará. The study included eleven teachers who work in a public school in the city of Belém, selected under the criteria of being 1 teacher to 5 year primary education in school and agree to participate. The characterization of questions from teachers and news conference for information on the perception of professionals about family resilience. Data were collected and categorized based on family resilience literature Froma Walsh and with the aid of Nvivo software version 10. The results show that teachers identify the elements of family resilience, however, do not realize these aspects in the families of their students, therefore they tend to have a negative and pessimistic perception of the chances of success and resilience in these groups.

Keywords: Poverty; Teacher perception; Family resilience.

Os primeiros estudos sobre resiliência davam maior ênfase nos traços pessoais do indivíduo, em especial, estudos referentes a crianças resilientes. Durante a década de 70, estudiosos como E. J. Anthony investigaram o fenômeno de superar adversidades sob a denominação de invulnerabilidade. Na literatura da psicopatologia do desenvolvimento, este termo era usado para descrever crianças que, apesar de vivenciarem extensos períodos de adversidades e estresse, apresentavam aspectos saudáveis no desenvolvimento (Yunes, 2003).

Aplicado ao contexto familiar, a definição de resiliência envolve uma visão sistêmica da família, onde a cooperação entre seus membros na busca de soluções para problemas que são compartilhados pelos sujeitos que compõem esse sistema constituem uma vantagem. Walsh (2005) propõe um modelo para que sejam estudados processos-chave da resiliência em famílias.

A autora especializou-se nesta área e considera três aspectos que precisam ser considerados pelas pesquisas que investigam a resiliência familiar: sistema de crenças da família, padrões de organização e processos de comunicação. O sistema de crenças corresponde à maneira como as famílias encaram seus problemas, de modo que suas escolhas podem fazer a diferença entre o enfrentamento e o domínio da situação ou a disfunção e o desespero diante da dificuldade (Walsh, 2005). Estes sistemas abrangem valores e convicções que, quando facilitadoras, aumentam as opções para a resolução de problemas, e enquanto as crenças restritivas perpetuam os problemas e limitam opções. Algumas subcategorias do sistema de crenças são: *visão otimista, confiança nas adversidades e espiritualidade*.

Os padrões organizacionais são considerados por Walsh como "amortecedores dos choques familiares". Estes padrões dizem respeito ao modo como as famílias se reorganizam diante das adversidades, ou seja, quais recursos sociais e econômicos ela mobiliza para enfrentar os problemas. A autora identifica alguns elementos organizacionais fundamentais

para o funcionamento familiar eficiente que são: *colaboração e compromisso, estabilidade e rotina e segurança financeira.*

Os processos de comunicação são definidos por Walsh (2005) como troca de informações, e resolução de problemas sócio-emocionais. Para a autora, a boa comunicação facilita todo o funcionamento familiar, fortalecendo a resiliência familiar, aumentando a competência das famílias em se expressar e reagir às necessidades de mudança em conjunto. Alguns aspectos importantes da comunicação e promotores da resiliência familiar são: *resolver conflitos, compartilhar decisões e clareza nas mensagens.*

Para definir resiliência familiar, é preciso compreender a interação das famílias com o seu meio ambiente, o que significa entender a dinâmica entre os fatores de risco e de proteção que compõe o contexto no qual o sistema está inserido. A literatura sobre resiliência aponta que estudar este fenômeno é necessariamente investigar fatores de risco, dentre eles, destaca-se a pobreza, que pode ameaçar significativamente o desenvolvimento humano uma vez que esta condição expõe as pessoas a desvantagens sociais e emocionais severas (Halpern & Cachapuz, 2006).

Além disso, o modo como a sociedade se organiza produz e reproduz a desigualdade social, fazendo com que as pessoas que se encontram em situação de pobreza sejam vistas de maneira negativa por suas crenças, por sua classe social e seus valores culturais. Amman (2013) salienta que a pobreza vai além da ausência de recursos materiais, de modo que ela é expressão direta das relações sociais estabelecidas.

A despeito das ameaças colocadas pela pobreza ao desenvolvimento, algumas famílias em situação de risco mostram-se muitas vezes hábeis na tomada de decisões e na superação de adversidades, evidenciando uma unidade familiar e um sistema fortalecido diante das circunstâncias desfavoráveis que enfrentam (Yunes, 2005). Por isso, a autora aponta a

importância de se estudar os processos e a dinâmica de funcionamento de famílias pobres, visto que pouco se sabe sobre eles.

Apesar dos efeitos negativos da pobreza, alguns fatores contribuem para amenizar os efeitos desta sobre o desenvolvimento humano, dentre estes, pode-se destacar o contexto escolar. (Yunes, Garcia, & Albuquerque, 2007). Segundo Dessen e Polonia (2007), a escola é uma instituição social com objetivos e metas determinadas e tem como objetivo promover a aprendizagem e efetivar o desenvolvimento de funções psicológicas complexas como: memória seletiva, criatividade, associação de ideias, organização e sequência de conhecimentos, dentre outras.

A escola é um contexto fundamental de desenvolvimento humano, pois reflete tanto as mudanças na sociedade, ao mesmo tempo em que precisa se adequar a essas transformações. Porém, uma das dificuldades enfrentadas nas escolas é fazer com que professores, alunos e suas famílias estejam aptos a viverem e superarem as adversidades decorrentes de uma sociedade que está em constante mudança, permeada de conflitos interpessoais, sociais e econômicos que influenciam de maneira significativa a relação escola-família (Dessen & Polonia, 2007).

Nesse contexto, todos os profissionais que aí atuam, direta ou indiretamente, exercem influência no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos. Todavia, os professores parecem ter um contato maior com as famílias, quando comparados aos demais profissionais. Deste modo, os docentes têm papel fundamental em estimular o potencial do aluno, considerar as diferenças socioculturais em que este vive e propor a aquisição de conhecimento através de atividades sistemáticas (Dessen & Polonia, 2007).

Além do acordo na literatura especializada (Mazzotti, 2006; Zhang, 2012) no que se refere às funções do professor, também é consenso que o exercício destas funções é mediado por suas percepções acerca dos seus alunos. Esta percepção pode fazer com que o professor

dê um tratamento peculiar nas interações com os estudantes o que repercutirá no aprendizado direta e indiretamente. Segundo Zhang (2012), o modo como o professor percebe os alunos é revelado nas interações estabelecidas com estes, nas quais são expressadas suas crenças em torno da capacidade de aprender dos estudantes que por sua vez internalizam tais mensagens.

Mazzotti (2006), em estudo realizado com professores de escolas públicas no Rio de Janeiro, mostrou que os professores têm visões negativas em torno dos alunos e de suas famílias. Na visão dos professores, as famílias não tem interesse em acompanhar os filhos na escola, não oferecem uma base de conhecimento e são pobres financeiramente e de carinho. Esta visão pessimista das famílias repercute na expectativa dos docentes que pouco esperam o sucesso acadêmico dos estudantes, o que implica em uma menor oferta de oportunidades de aprendizagem e conseqüentemente em baixos níveis de aproveitamento e no rebaixamento da autoestima dos alunos e de suas famílias.

Estudo realizado por Yunes (2001) objetivou conhecer as percepções e crenças de trabalhadores sociais (médico, assistente social, diretores de escola, agente comunitário de saúde) sobre a resiliência em famílias monoparentais pobres. Dentre outros resultados, a pesquisa mostrou que embora esses profissionais compreendam as dificuldades que as famílias de baixa renda enfrentam, prevalece a visão determinista e negativa de que a carência e a acomodação à pobreza são transmitidas de geração para geração. Os profissionais não reconhecem a exploração a que as pessoas de baixa renda estão expostas advindas da maneira como a sociedade capitalista se organiza. Segundo Yunes (2003) é essencial ao profissional reconhecer as reais dificuldades vivenciadas historicamente por essas famílias e, diante disso, estabelecer, no mínimo, uma relação estimuladora capaz de influenciar as famílias a favor da consciência de transformação nesses sujeitos.

Zhang (2012) objetivou investigar como as expectativas educacionais de professores no norte rural da China influenciavam nas realizações acadêmicas dos alunos. Seus dados

revelaram que a percepção do professor sobre o estudante, negativa ou positiva, influencia no seu aproveitamento acadêmico e se relaciona com as taxas de abandono escolar. O estudo mostrou que as expectativas acadêmicas dos professores em relação aos estudantes de famílias de baixa renda é menor ao comparar com as expectativas docentes de estudantes que vem de famílias de alta renda.

Este modo de perceber as famílias pobres foi denominado por Bronfenbrenner (1996) de “modelo de déficit”. Ao se referir às atividades profissionais no campo do desenvolvimento, Bronfenbrenner considera que os profissionais estão sempre procurando algo de errado em alguém, seja no indivíduo ou na família, ou ainda no grupo do qual faz parte. Portanto, essas práticas tornam-se comuns na sociedade. Nesse sentido, percebe-se um número significativo de profissionais, tanto no setor público quanto no privado, empregados apenas para diagnosticar as deficiências que estão supostamente na pessoa ou na família e executar procedimentos corretivos, sem esperança de efetuar uma melhora significativa e duradoura nesses sujeitos.

Segundo Yunes (2003), para conhecer como se desenvolvem essas famílias e suas interações com os demais ambientes que as influenciam, é necessário estudar instituições e profissionais que atuam com pessoas em situação de vulnerabilidade social, visto que, provavelmente suas ações e interações são construídas a partir de ideias e crenças sobre esse grupo. Estas ações que se sustentam em crenças positivas ou negativas atuam de modo a ativar os potenciais resilientes na família ou não.

Por fim, investigar a percepção dos professores possibilita não apenas conhecer o que eles pensam acerca das famílias, mas também identificar se os profissionais acreditam na capacidade de resiliência das pessoas que enfrentam dificuldades, especialmente as advindas da pobreza. Ademais, permite compreender se estes profissionais estão sustentando sua prática profissional na garantia dos direitos das famílias ou apenas como mantenedora da

ordem social. Neste sentido, o objetivo geral da presente pesquisa é compreender a resiliência familiar do ponto de vista de professores acerca das famílias de seus alunos em situação de vulnerabilidade social.

Método

Ambiente da Pesquisa

O estudo foi realizado em uma escola estadual localizada na periferia da cidade de Belém do Pará. Esta instituição atende 42 turmas, sendo 22 de ensino fundamental que fizeram parte desta pesquisa, 12 de ensino médio e oito turmas noturna de Educação de Jovens e Adultos

Participantes

Participaram deste estudo onze professores que trabalham em uma escola pública do município de Belém, selecionados sob o critério de serem professores de 1º a 5º ano do ensino fundamental e de concordarem em participar da pesquisa. Por questões éticas, os profissionais foram identificados por nomes fictícios de acordo com a ordem das entrevistas realizadas. A Tabela 1 traz algumas características dos participantes.

Tabela 1. *Caracterização dos Professores Participantes*

Participantes	Idade	Tempo de Formação	Tempo de trabalho na escola	Graduação	Pós-graduação	Série
Olga	57 anos	8 anos	4 anos	Pedagogia	Psicopedagogia	1º ano
Ivana	34 anos	6 anos	4 anos	Pedagogia	Educação matemática para séries iniciais	3º ano
Taís	37 anos	18 anos	5 anos	Lic.em Matemática	-	2º ano
Ronaldo	37 anos	12 anos	8 anos	Pedagogia	Gestão escolar	4º ano

Daise	49 anos	8 anos	28 anos	Pedagogia	Educação de jovens e adultos	3° ano
Marta	59 anos	30 anos	28 anos	Pedagogia	-	3° ano 2°
Sônia	51 anos	20 anos	4 anos	Pedagogia e Psicologia	Psicopedagogia e educação especial	ano
Carla	50 anos	26 anos	15 anos	Lic.em Matemática	-	4° ano
Luiza	59 anos	30 anos	6 anos	Pedagogia	Gestão escolar	5° ano
Fátima	43 anos	15 anos	1 ano	Pedagogia	Educação especial	4° ano
Adriana	48 anos	22 anos	3 meses	Pedagogia	Supervisão educacional	3° ano

Instrumentos e Técnicas

Instrumento de Caracterização dos Participantes.

Este instrumento (Apêndice A) foi aplicado aos participantes nas entrevistas coletivas e teve como objetivo uma breve caracterização dos professores (Idade, tempo de formação e trabalho na escola, graduação e pós-graduação, série que ministra aula).

Entrevista coletiva.

A entrevista coletiva (Apêndice B) foi realizada com o objetivo de compreender questões referentes à percepção dos professores sobre as famílias atendidas pela instituição, tentando explorar suas percepções sobre aspectos relativos à resiliência familiar. A entrevista coletiva foi organizada com base em duas histórias fictícias de famílias pobres comumente encontradas no cotidiano da instituição. A família 1 era composta por pai, mãe e dois filhos que apresentavam um bom desempenho acadêmico a despeito das dificuldades enfrentadas pelo grupo. A família 2 também era formada por pai, mãe e dois filhos, entretanto, as crianças

não tinham desenvolvimento acadêmico satisfatório. Diante destas duas histórias, foram formuladas perguntas que tentaram identificar as razões identificadas pelos professores para o desempenho diferente nas duas famílias.

Procedimentos de Coleta e de Análise dos Dados

Num primeiro momento, o projeto foi submetido ao comitê de ética da Universidade Federal do Pará e após a aprovação (nº do parecer 865.235) foi feito contato com a direção da escola. Com a autorização da direção, os professores das turmas de 1º a 5º ano foram convidados para participar do estudo. Após o aceite dos professores através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Apêndice C), foi iniciada a marcação das entrevistas coletivas. Foram realizadas duas entrevistas coletivas, sendo que na primeira participaram seis professores e na segunda cinco professores. Os demais professores não puderam participar por questões pessoais.

Para a análise referente às falas dos professores, utilizou-se o modelo de resiliência familiar de Walsh (2005) e análise de conteúdo de Bardin (1977) além disso, utilizou-se o *software Nvivo 10* para operacionalizar a codificação dos dados. Para tanto foram cumpridas as seguintes etapas: (a) organização e gerenciamento das fontes de dados no *software*; (b) codificação das fontes; (c) visualização dos resultados de codificação e (d) criação de gráficos com as categorias e subcategorias.

Resultados e Discussão

Os resultados estão apresentados de acordo com as categorias construídas com base no modelo de resiliência familiar de Walsh (2005), que são: sistema de crenças, padrões organizacionais e processo de comunicação, e suas respectivas subcategorias. Ressalta-se que, apesar das categorias serem pré-estabelecidas, com base na análise de conteúdo a categoria *família desestruturada*, emergiu com frequência nos discursos dos participantes e foi incorporada a categoria padrões organizacionais.

A Figura 1 representa as categorias e subcategorias encontradas no presente estudo.

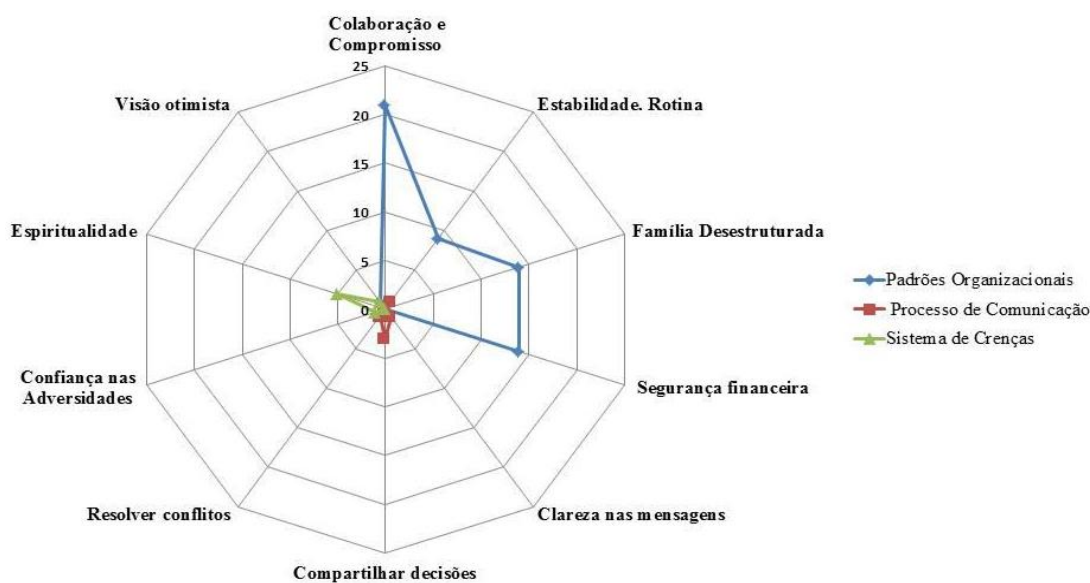


Figura 1. Processos-Chave da Resiliência Familiar

Na figura 1, apresenta-se a frequência que cada categoria e subcategoria apresentou no estudo. A categoria com maior destaque foi *Padrões organizacionais*, que apareceu no discurso dos onze participantes. Todos os profissionais, em algum momento, mencionaram as subcategorias presentes nesta categoria, sendo que a subcategoria *colaboração e compromisso* emergiu na fala de 10 docentes.

O *sistema de crenças* foi abordado por sete profissionais, sendo que a subcategoria com maior destaque foi *espiritualidade*. A categoria menos citada foi *processo de comunicação* que fora mencionada por seis docentes.

Padrões Organizacionais

A principal categoria do modelo de Walsh (2005) emergente neste estudo foi os *Padrões Organizacionais*, descritos como “amortecedores dos choques familiares” que correspondem aos recursos (econômicos e sociais) que as famílias mobilizam para resistir ao estresse e se reorganizar para se adequarem às mudanças que podem ocorrer. A categoria *Padrões Organizacionais* é constituída, neste estudo, pelas sub categorias: *colaboração e compromisso*, *estabilidade na rotina* e *segurança financeira*. No entanto, com base nos dados

obtidos, foi adicionado a este grupo a categoria *família desestruturada*, uma vez que esta apresentou com frequência alta nos discursos dos participantes.

A Figura 2 apresenta a frequência que cada subcategoria emergiu no estudo, de modo que é possível observar que *colaboração e compromisso* foi a sub categoria que obteve maior destaque, com a menção de dez docentes. Em sequência, nove participantes consideraram aspectos referentes à *estabilidade na rotina* como fundamental para o funcionamento familiar. A subcategoria *família desestruturada* apareceu também na fala de nove profissionais que expuseram sua percepção para descrever os grupos familiares e a última subcategoria emergente foi *segurança financeira* onde sete docentes descreveram suas percepções acerca do programa bolsa família e sobre os beneficiários.

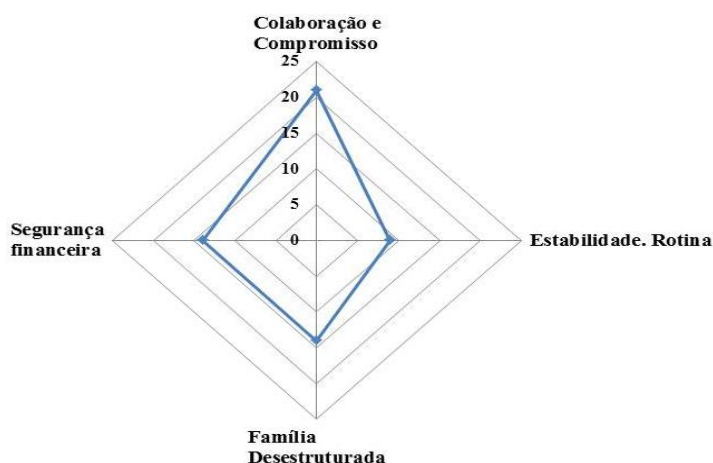


Figura 2. Padrões Organizacionais

Colaboração e compromisso é para Walsh (2005) um dos elementos fundamentais para o processo de resiliência familiar, e relaciona-se com o auxílio que os pais dão aos filhos na vida acadêmica. Nesta subcategoria, os professores consideraram importante a participação dos pais na escola e o acompanhamento em casa. Destacaram, dentre outros aspectos, a força de vontade e responsabilidade dos pais como fundamentais ao desenvolvimento acadêmico das crianças.

”Início do ano você tem uma reunião entre a comunidade escolar e os professores e a direção, o pessoal vem participar, pessoal da manhã, da tarde, mas no cotidiano da escola você vê essas famílias, num passe de mágica, sumir. (Professor Ronaldo-entrevista coletiva)”

A ausência de acompanhamento em casa foi relatada pelos professores como uma das causas para o pouco desenvolvimento das crianças, como pode ser observado na fala da professora Taís:

”mas sinceramente se tivesse mais um acompanhamento, a educação seria muito diferente. Eu falo pra eles na reunião ‘gente vocês tem que acostumar as crianças a estudar um pouco em casa’ mas poucos escutam” (Professora Taís- entrevista coletiva)”

Apesar de conhecedores da condição de pobreza em que vivem as famílias, os docentes não relacionaram estas dificuldades econômicas com os problemas de aprendizagem das crianças, nem tampouco com a pouca colaboração e compromisso dos pais com as atividades escolares dos filhos.

”Eu particularmente acho que sintoma de pobreza não quer dizer falta de aprendizagem, eu acho que falta é dedicação porque eu tenho na minha sala pais que são analfabetos, mas que a filha está super bem, entendeu? Mas outros que nem são analfabetos não estão nem aí, então eu acho que falta aqui na escola é a dedicação familiar. (Professora Carla-entrevista coletiva)”

Os dados revelaram que os professores identificaram o analfabetismo como uma característica que marca os responsáveis/pais das crianças que frequentam a escola. No entanto, não pareceram considerar que este seja um fator que contribua para o não acompanhamento dos filhos nas atividades escolares. Para Mazzotti (2006), a visão dos professores de escolas públicas do Rio de Janeiro sobre a família dos alunos é marcada pela pobreza e analfabetismo. Essa percepção tem sentido uma vez que de fato os responsáveis por crianças em escolas públicas muitas vezes têm baixa escolaridade e isso influencia no aprendizado, entretanto, isso não pode ser considerado regra sem exceção e nem significa que o responsável não considera a educação importante (Halpern & Cachapuz, 2006).

O compromisso com as atividades escolares e com a manutenção dos filhos na escola foi associada pelos participantes com a determinação no enfrentamento das adversidades cotidianas, o que pode ser observado na fala a baixo.

“... eu acho que é uma questão de força de vontade. Eu tive uma situação de uma soropositivo e os filhos eram bem pequeninos, mas ela tinha força de vontade tomava medicação à base de AZT e ela mantinha os meninos na escola todos limpinhos, eles eram fracos academicamente, mas ela mantinha na escola. (Professora Luiza-entrevista coletiva)”

A *estabilidade na rotina* é outro elemento fundamental para o bom funcionamento familiar, ou seja, estabilidade de papéis, regras, horários e padrões de interação previsíveis e consistentes. A estabilidade na rotina familiar permite que seus membros saibam o que se espera deles e o que esperar do outro, além de manter o contato regular e vínculos entre as pessoas. Os estudos têm demonstrado significativo impacto da rotina na organização da família e no desenvolvimento humano (Silva et al., 2010)

Os participantes reconheceram que a rotina é um elemento importante para o bom funcionamento de uma família, contribuindo de modo especial para o desenvolvimento das crianças. Entretanto, na visão dos participantes, os pais não organizavam a rotina dos filhos o que, muitas vezes, implicava na perda de aula, principalmente nas segundas-feiras, já que os pais não conseguiam levar os filhos para escola.

“Eles saem domingo e não querem nem saber. Então, eu acho assim, essas famílias muito irresponsáveis, eu acho, vou te repetir não vou te generalizar todas as famílias aqui, mas a maioria é” (Professora Daise- entrevista coletiva)

A subcategoria *família desestruturada* foi definida de acordo com o relato dos participantes. Esta subcategoria referiu-se ao modo como a família se organizava e sua composição familiar, ou seja, as famílias que não se encaixavam no perfil de família nuclear

eram vistas pelos professores como uma configuração negativa, pois os professores ainda trabalham com a ideia de que a família ideal é a tradicional composta por pai, mãe e filhos.

“hoje a família tá muito desestruturada, são poucos que têm com pai e mãe, a maioria é mãe solteira ou filho que tá com a mãe e o padrasto entende? (...) e dificulta o nosso trabalho, queira ou não uma estrutura familiar é uma estrutura familiar (Professora Fátima-entrevista coletiva)”

A desestrutura familiar também foi associada pelos participantes com a frequência intensa de famílias divorciadas presentes na escola. O divórcio foi citado como um modo de organização familiar que dificulta no estabelecimento das rotinas das crianças, sendo consideradas as famílias mais difíceis de se trabalhar como pode ser observado na seguinte fala:

“as famílias que estão dando mais problema, são essas famílias de pais separados, não são todos, mas tem uma parcela considerável. Eu percebo muito aqui na escola famílias desestruturadas” (Professora Daise- entrevista coletiva).

Minuchin (1985), pautada na discussão sobre teoria sistêmica das famílias aponta que existem momentos em que as famílias irão passar por mudanças. O modo como as famílias se reorganizam diante das mudanças é que tornará o ambiente familiar saudável ou não. A questão central não é a composição familiar, mas o processo de reorganização do sistema, diante das necessidades do sistema.

A desestrutura familiar também foi relacionada pelos participantes com as famílias lideradas pelas avós. De modo geral, a percepção dos participantes em torno do papel dos avós oscilou, sendo ora considerado como fator protetivo, uma vez que consideravam o modo rígido de educar adotado por estas adequado; ora como negativo para o desenvolvimento das crianças, pois em alguns casos davam mais carinho e menos limites do que as mães.

“Eu gosto muito quando eles estão com avô, o avô dá aquela educação (antiga) eu gosto. A avó ainda tem aquele pulso antigo, forte, que ajeita mesmo” (Professora Sônia- entrevista coletiva)

*“muita criança criada por avó, e a avó às vezes dá muito mimo”
(Professor Ronaldo- entrevista coletiva)*

Parece ainda haver a visão de que a família saudável é aquela em que pai, mãe e filhos estão juntos, porém essa não é mais a realidade de muitas famílias e os professores devem acompanhar essas mudanças (Silva, 2010). Ademais, a presença do divórcio em algumas situações é melhor do que a família se manter numa situação de conflitos diante dos filhos. De acordo com Cecconello (2003), nem sempre a família nuclear é a que traz mais benefícios para as pessoas que vivem nessa configuração, uma vez que, a presença de alguns fatores de risco como a violência doméstica por parte da figura masculina traz riscos ao desenvolvimento dos membros. Consonante com esta idéia, Walsh (2005) considera que não é a composição da família, mas os processos familiares e a qualidade dos relacionamentos entre seus membros que contribui para a resiliência familiar.

No modelo de Walsh (2005), a subcategoria *segurança financeira* está presente ao discutir as políticas sociais que funcionam como amortecedores criados para propiciar o bem estar das famílias diante de mudanças sociais e econômicas drásticas. As falas dos professores revelaram suas impressões acerca do Programa Bolsa Família (PBF) e sua contribuição às famílias envolvidas. Os participantes destacaram aspectos negativos, uma vez que na visão deles, as famílias deveriam investir o dinheiro do benefício exclusivamente nas crianças e não em benefício da família em geral.

“ muita das vezes os responsáveis, as mães, os pais, as avós, pegam o dinheiro das crianças do Bolsa Família e estouram com tudo que eles querem, mas tem pessoas que são corretas com o programa, investem na criança em aulas de reforço, vai contratar uma professora que é R\$40,00, R\$60,00, quer dizer pega o dinheiro do Bolsa Família e investe na aprendizagem da criança, ta entendendo?” (Professor Ronaldo- entrevista coletiva)

Os participantes destacaram o fato das famílias se preocuparem com a frequência da criança em função do benefício. Para os professores, os pais temem perder o recurso e por

isso garantem a frequência dos filhos na escola e não por considerarem importante que seus filhos aprendam os conteúdos que são trabalhados no contexto escolar.

“hoje a família não se preocupa tanto com a aprendizagem do seu filho ela tá preocupada com a Bolsa (PBF), ela traz a criança, mas a preocupação dela é a bolsa que ela vai receber no final do mês, Não tem preocupação que o filho venha pra aprender e coloca o filho, colocou pronto, vai embora né? (Professora Marta- entrevista coletiva)”

A literatura especializada que investiga os impactos do PBF revela o aumento da frequência escolar e do número de matrículas nas escolas de crianças beneficiadas pelo programa. A probabilidade de uma criança beneficiária faltar à escola é 3,6% menor que das crianças não-beneficiárias e os índices de evasão são de 1,6% menores entre as beneficiárias. Entretanto, as crianças beneficiadas têm 4% mais chance de repetirem o ano letivo, o que pode ser explicado pelo fato de possuírem um histórico de escolaridade mais desfavorecido (Soares, Ribas & Osório, 2010). Ademais, não existem estudos que apresentem evidências que a família mantém a criança na escola apenas para manter o benefício no final do mês.

Sistema de Crenças

O *sistema de crenças* é um dos elementos do modelo de Walsh (2005) e corresponde ao modo como as famílias enxergam as dificuldades, quais meios encontram para enfrentar problemas e se a família tem a presença de espiritualidade que a influência nesse processo.

A figura 3 representa o *Sistema de crenças* e suas subcategorias: *visão otimista, confiança nas adversidades e espiritualidade*. A subcategoria que mais se destacou na fala dos professores foi a *espiritualidade*, mencionada por sete docentes. Observa-se na figura a linha azul destacando a frequência em que os professores citaram a subcategoria. De maneira geral, os professores consideraram que a religião, isto é, a vivência da espiritualidade um fator que contribuía significativamente para o fortalecimento familiar diante de adversidades. As demais subcategorias apareceram no discurso de três professores.

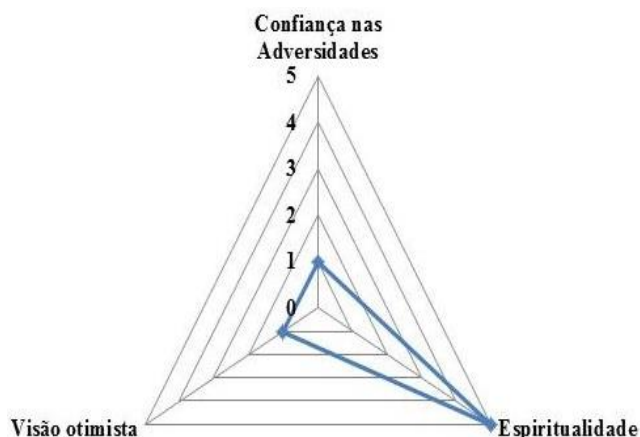


Figura 2. Sistema de Crenças

A subcategoria que apareceu com mais frequência na fala dos participantes, foi a *espiritualidade*. Na visão deles, as famílias que têm vínculo com instituições religiosas têm maiores probabilidades de viver bem. Segundo a professora Sônia, a relação com Deus auxiliava na superação das dificuldades. No entanto, as famílias atendidas pela escola não valorizavam a religião:

“ a família que tem aquela estrutura com Deus, toda aquela educação dos princípios ela consegue com certeza muita coisa, pode ta na maior dificuldade, mas não cai. Mas aqui (na escola) eles querem só festa (Professora Sônia-entrevista coletiva)”

A percepção dos professores acerca da religião é reforçada pela literatura sobre fatores de proteção, que aponta a religiosidade como um aspecto que age empoderando as famílias tornando-as mais capazes para enfrentar as situações de vulnerabilidade (Poletto & Koller, 2008).

Walsh (2005) ressalta a influência da espiritualidade, representada pela religião, na vida de famílias que enfrentam dificuldades. A religião oferece apoio das congregações em épocas de crise, propicia a expressão de crenças básicas e produzem nas pessoas um senso de pertencimento coletivo. Germano e Colaço (2012) também destacam a presença da religião

como um importante fator de proteção ao desenvolvimento, na medida em que atua como fonte de apoio social as famílias que se encontram expostas a riscos gerados pela pobreza.

Na subcategoria *visão otimista*, a professora Adriana considerou primordial que as famílias sejam *otimistas*, mesmo nas adversidades. Na percepção desta docente, a família que possui confiança na superação de problemas é aquela que valoriza a educação e acredita que através do estudo o grupo familiar pode superar obstáculos, mas a participante destacou que as famílias da escola não dão valor à educação.

“ mas eu percebo assim que é a minoria que acredita nisso entendeu? E mais, parece assim que eles não vêem o estudo como uma possibilidade de um dia melhorar, entendeu? De um dia a criança vim a melhorar aquela situação ali que ela vive, entendeu? Muitos não vêem a educação assim .(Professora Adriana-entrevista coletiva)”

A literatura aponta ser primordial explorar os aspectos positivos que indivíduos e famílias possuem, numa tentativa de fazer famílias e profissionais adotarem uma visão mais aberta e apreciativa dos potenciais e capacidades humanas. Não significa desconsiderar os aspectos negativos que se fazem presente, mas sim, construir uma visão do ser humano com base nos aspectos “virtuosos”. Assim como propiciar que as famílias enxerguem as dificuldades como transitórias e superáveis. (Yunes, 2003)

Processo de Comunicação

A categoria *processo de comunicação* corresponde à maneira como a família se comunica entre si e como resolvem problemas que afetam a todos os membros (Walsh, 2005). A figura 4 representa esta categoria que é constituído pelas subcategorias encontradas no presente estudo: *resolver conflitos, compartilhar decisões e clareza nas mensagens*. A linha azul destaca a frequência com que as subcategorias emergiram na fala dos participantes. A subcategoria com maior destaque, *compartilhar decisões*, foi mencionada por seis profissionais e as demais foram abordadas por quatro participantes.



Figura 4. Processo de Comunicação

A subcategoria *compartilhar decisões* refere-se à participação dos membros de uma família na resolução de conflitos. A professora Taís associou o compartilhamento de decisões com a ida dos pais à escola para conversar com os professores sobre o desempenho acadêmico de seus filhos. Segundo esta, a procura dos pais pela escola é um indicador de que eles estão compartilhando através do diálogo preocupações, informações e decisões sobre seus filhos, porém, ressaltou que esse comportamento é uma exceção nas famílias da escola.

“é, a comunicação entre eles é uma coisa muito importante. Às vezes vem pai falar comigo, Então eles tão conversando sobre a menina né? Mas é a exceção aqui, a maioria não é assim (Professora Taís-entrevista coletiva) ”

A literatura aponta que o diálogo, a comunicação entre os membros de um grupo familiar torna os relacionamentos mais saudáveis. De Antoni, Barone e Koller (2011) observaram em estudo de caso realizado para identificar fatores de risco e proteção em uma família pobre residente em um bairro periférico de Porto Alegre, que a ausência de diálogo entre os membros da família ocasionava conflitos dentre estes: violência conjugal, violência entre pais e filhos e intolerância uns com os outros.

A subcategoria *resolver conflitos* faz parte da categoria processo de comunicação e foi considerada pela professora Luiza como fundamental para o funcionamento da família. Em sua fala, destacou que os membros que compõem o grupo familiar devem estar unidos,

dialogando sobre as dificuldades encontradas. No entanto, considerou que estes aspectos são difíceis de serem encontrados nos sistemas familiares.

“ eles (membros da família) se respeitarem mutuamente, eles conversarem entre si sobre as dificuldades que estão ocorrendo então é isso que a família precisa ter. Porque hoje em dia essas famílias vivem com o problema muito pra si mas. é difícil encontrar união nas famílias daqui (escola)”. (Professora Luiza-entrevista coletiva)

Na subcategoria *clareza nas mensagens*, os professores destacaram a importância de existir o diálogo nas famílias, entretanto, todos os participantes salientaram a ausência de processos de comunicação nas famílias atendidas pela escola.

A professora Taís afirmou que a comunicação entre os pais é um elemento fundamental para que a família se desenvolva de modo satisfatório e, segundo ela, é mais fácil de se trabalhar com o grupo familiar que se comunica, sendo que na percepção dela, as famílias divorciadas, frequentes na escola, se comunicam de forma pouca clara o que as torna mais difíceis.

“eu tenho problemas com pais separados da mãe vim falar uma coisa e o pai falar outra. Uma falta de comunicação, muito difícil trabalhar com elas (Professora Taís- entrevista coletiva)”

Walsh (2005) aponta que a clareza na comunicação é essencial para o funcionamento familiar, ou seja, uma comunicação direta onde os membros dizem o que querem. Manter a comunicação aberta propicia o funcionamento saudável das famílias. A comunicação pode ser definida como troca de informações e também ser útil para a resolução de problemas entre os membros.

A participante Sônia também considerou importante o diálogo para o bom funcionamento familiar, no entanto, ela também destacou a ausência de conversa nas famílias.

“ o que eu vejo muito assim é a falta de diálogo. Então tem que conversar, saber. Uma criança precisa que alguém pergunte “o que

você fez?’’ ai aqui na escola é tudo jogado.’’ (Professora Sônia-entrevista coletiva)

Poletto e Koller (2008) descreveram alguns fatores de proteção para o fortalecimento da resiliência famílias dentre estes a comunicação é considerada um importante aspecto, mesmo quando as famílias se encontram expostas a ameaças ou situações de risco variadas. De maneira geral, os dados mostraram que os docentes identificaram os elementos da resiliência familiar, mas consideraram que as famílias de seus alunos não apresentavam estas características.

Considerações Finais

O estudo contribuiu, na medida em que se propôs a compreender a percepção que os professores de um escola pública de Belém têm dos seus alunos e de suas respectivas famílias. Os dados mostraram que os docentes atuavam com uma visão negativa em relação a seus usuários e isso preocupa, uma vez que, as baixas expectativas dos professores sobre os alunos podem resultar em menores oportunidades de aprendizagem e diminuição da autoestima dos estudantes sobre os quais se formaram suas expectativas, dificultando ainda mais seu desempenho.

Este estudo teve algumas limitações principalmente no que se refere à coleta de dados uma vez que os docentes não dispõem de tempo para participar de situações não previstas em sua rotina profissional, como responder a questionários e participar de entrevistas. Esta dificuldade explica o número pequeno de participantes no estudo.

Sugere-se que em futuras pesquisas sejam pensadas estratégias que garantam a maior participação dos docentes. Ademais, acredita-se ser necessária a realização de pesquisas que relacionem as percepções de docentes sobre as famílias de seus alunos com suas práticas profissionais com vistas a verificar se sua atuação, de fato, propicia o desenvolvimento e a emancipação social ou se sua prática profissional mantém as famílias em condições de desigualdade social.

Estudo II: Famílias de baixa renda: fatores de risco e padrões de resiliência

Resumo: Investigar a resiliência familiar é considerar os vários aspectos que influenciam no funcionamento do ambiente familiar que contribuem para a superação de adversidades. Portanto, o objetivo da presente pesquisa foi investigar e descrever, a partir da percepção de um membro das famílias, os padrões de resiliência encontrados nas famílias de crianças em situação de vulnerabilidade social. A coleta dos dados foi realizada em uma escola estadual de ensino fundamental, localizada na periferia da cidade de Belém do Pará. Participaram deste estudo 16 mães e/ou responsáveis por crianças de 1º ao 5º ano da escola que responderam um instrumento sociodemográfico, e uma entrevista coletiva, com o objetivo de identificar como as famílias reagem diante de situações de problema e com quem podem contar. Os dados foram coletados e categorizados com base na literatura de resiliência familiar e análise de conteúdo operacionalizados com o auxílio do software Nvivo versão 10. Os dados mostraram que as famílias estão expostas a algumas situações ameaçadoras ao desenvolvimento. No entanto, apesar dos riscos associados à pobreza, observou-se fatores intrafamiliares protetivos, geradores de benefícios ao desenvolvimento das gerações mais jovens.

Palavras-Chave: Pobreza, Fatores de proteção, Resiliência Familiar.

Abstract: Investigate family resilience is to consider the family as a whole that influence the functioning of the family environment so that when subjects are united by solving the difficulties together tend to overcome adversity in a healthier way. Therefore, the aim of this research was to investigate and describe, from the perception of a member of the family, resilience standards found in families of children in situations of social vulnerability .. Data collection was conducted in a teaching public school key, located on the outskirts of the city of Belém do Pará. The study included 16 mothers and / or guardians of children from 1st to 5th grade school who answered a sociodemographic instrument, an individual interview on family resilience and a press conference in order to identify how families react to problem situations and they can count on. Data were collected and categorized based on family resilience literature and analyzed with the help of Nvivo software version 10. The data showed that families are exposed to some threatening situations to development. However, despite the risks associated with poverty, there was intra-family protective factors, generating benefits to the development of the younger generations.

Key-words: Poverty, Protective factors, Family resilience.

O estudo acerca da resiliência no Brasil é relativamente recente, os primeiros trabalhos sobre o tema davam maior ênfase aos aspectos individuais das pessoas. Todavia, as pesquisas mais recentes tem enfatizado a resiliência familiar partindo da noção que a família influencia o bem estar geral e individual de seus membros. Rutter (1999) define resiliência como: "fenômeno de superação de estresse e adversidades" (p. 119), além disso, afirma que "resiliência não constitui uma característica ou traço individual" (p. 135), mas um processo

dinâmico que corresponde ao enfrentamento de condições adversas ao desenvolvimento humano que pode surgir em alguns momentos, porém, em outros pode não aparecer (Yunes, 2001, Poletto, Wagner & Koller, 2004).

O estudo da resiliência familiar implica em compreendê-la a partir de uma perspectiva sistêmica de família, percebendo a possibilidade de cooperação entre seus membros como um fator de proteção para o grupo (Walsh, 2005). Esta visão permite entender como os processos familiares se dão em situações de estresse e dotam a família de possibilidades de superação de dificuldades. Esta superação não significa que a família volte ao mesmo estágio de desenvolvimento que se encontrava antes, mas que sai da crise mais fortalecida, passando por um processo de transformação (Yunes, 2001, 2003).

A dinâmica de funcionamento do sistema familiar influencia na adaptação final de todos os membros, ou seja, mesmo os indivíduos que não são diretamente atingidos por uma situação de crise vão ser afetados pelas reações que a família tem diante do problema. O modo como a família enfrenta as dificuldades influencia a adaptação imediata e a longo prazo de todos os seus membros (Yunes, 2001).

A literatura aponta que a resiliência ocorre necessariamente em contextos adversos ao desenvolvimento, ou seja, marcados por fatores de risco e pela interação destes com fatores de proteção. Nestes contextos é possível identificar as características da pessoa e do grupo familiar que permitem o enfrentamento mais ou menos adequado das adversidades (Silva & Lacharité, 2003).

Os fatores de risco relacionam-se com eventos negativos de vida e, quando presentes, aumentam a probabilidade de a pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais. Essa cadeia de eventos negativos faz com que os indivíduos, em particular as crianças, tenham maior chance de apresentar atrasos em seu potencial de crescimento e desenvolvimento (Pilz & Schermann, 2007). A exposição a fatores de risco pode exacerbar

condição de vulnerabilidade, potencializando situações desfavoráveis ao desenvolvimento ou mesmo impossibilitando que os indivíduos respondam de forma satisfatória ao evento estressor. Desta forma, risco implica em resultados negativos e indesejáveis no desenvolvimento do indivíduo.

Fatores de risco podem envolver aspectos individuais e ambientais. Dentre as características individuais pode-se destacar o sexo, fatores genéticos, habilidades sociais, intelectuais e características psicológicas. Os elementos ambientais que podem representar riscos ao desenvolvimento podem ser: baixo nível socioeconômico, características familiares e ausência de apoio social, dentre outros (Ceconello, 2003). De um modo geral, o estudo sobre resiliência foca tanto em eventos adversos que ocorrem isoladamente quanto a associação de múltiplos riscos (Garcia & Yunes, 2011).

Na discussão sobre fator de risco, a pobreza merece destaque uma vez que ela é considerada um fator de risco que pode alterar a trajetória do desenvolvimento humano. É importante ressaltar que a pobreza em si não é considerada o fator de risco, mas as situações associadas a esta como, a desigualdade social, de oportunidades, falta de rede de proteção entre outras privações que vão além do aspecto financeiro (Yunes, 2001; Evans & Kim, 2013). Em condição de miséria, crianças pobres são expostas a poucos estímulos, utilizam brinquedos inadequados para a idade, estão mais expostas a várias horas de televisão, tem menos lugares fora da escola para aprender e vivem em ambientes onde se lê e se fala pouco, além da baixa escolaridade dos pais que influencia significativamente no desenvolvimento das crianças (Pilz & Schermann, 2007; Delvan, Becker & Braun, 2010; Evans & Kim, 2013)

Se por um lado a literatura aponta vários fatores de risco ao desenvolvimento, por outro, apresenta vários aspectos que podem funcionar como protetivos a este. Os fatores de proteção diminuem a probabilidade de um resultado negativo ou indesejável acontecer diante da presença do risco (Carvalho, Morais, Koller & Piccinini, 2007). A presença de algum fator

protetor individual ou do ambiente favorece o desenvolvimento saudável de indivíduos e/ou famílias expostos às adversidades (Sapienza & Pedromonico,2005).

Angst (2009) aponta que os fatores de proteção são as influências que modificam ou melhoram a resposta de uma pessoa ou família a algum perigo que predispõe a um resultado não adaptativo, e que parecem mudar ou atenuar circunstâncias potencialmente negativas. Alguns fatores de proteção apontados pela literatura são: as relações parentais adequadas, rede de apoio social, autoimagem positiva, crença ou religião. Sanchez, Oliveira e Napo, (2004), observaram que a religião, além de outros fatores de proteção, foi um valioso elemento de prevenção ao uso de drogas com 62 adolescentes de baixo nível socioeconômico.

Os fatores de proteção também podem ser os mecanismos criados pelo Estado como políticas e programas sociais. No Brasil destacam-se os programas de transferência de renda, em particular, o Programa Bolsa Família (PBF), que é o principal programa de transferência de renda vigente no país. Ao combater a pobreza das famílias beneficiadas, o PBF pode ser considerado um fator de proteção a esses sujeitos. Estudos demonstram que o programa teve impactos positivos como no aumento da frequência e diminuição na evasão escolar entre as crianças beneficiadas (Soares, Ribas & Osório, 2010).

A escola também pode se constituir em um contexto de proteção uma vez que seu papel envolve não apenas a aprendizagem acadêmica. Neste contexto, os professores são elementos chave no processo ensino-aprendizagem e também nas ações referentes ao relacionamento com as famílias. O professor tem papel imprescindível na sociedade atual sendo fundamental que sejam sensíveis aos seus problemas (Tancredi & Raeli, 2001; Mazzoti, 2006) compreendendo que muitos destes estão fora do controle das famílias. É importante que estes profissionais possam funcionar como redes de apoio social fora do contexto familiar ou vizinhança para as famílias pobres (Germano & Colaço, 2012).

A dinâmica estabelecida entre fatores de proteção e risco definirá a possibilidade de indivíduos ou famílias enfrentarem as adversidades de maneira mais saudável para o desenvolvimento humano (Yunes, 2001). Neste sentido, a resiliência, de modo especial a familiar, requer o desenvolvimento de apoio mútuo, processos de comunicação fortalecidos, organização do ambiente familiar dentre outros aspectos (Walsh, 2005; Yunes & Szymanski, 2006)

Walsh (2005) propõe uma estrutura conceitual, para pesquisar a resiliência familiar, que compreende três processos chave: sistemas de crença, ou seja, as perspectivas da família diante da crise, significados extraídos dessa situação, crença em alguma religião e o uso desta de maneira positiva para enfrentar as adversidades. Padrões organizacionais, isto é, a construção de redes, sejam elas na própria família ou comunitárias, adaptação que permite o enfrentamento dos desafios ao longo do tempo, rotinas bem estabelecidas, cooperação, relacionamento positivo entre pais, filhos e cônjuges. Por fim, a autora apresenta os processos de comunicação, que caracterizam-se por clareza nas mensagens, expressão emocional aberta, empatia nas relações e resolução colaborativa dos problemas, focalizando nos objetivos a serem alcançados.

Com base nos processos-chave de resiliência proposto por Walsh (2005), Yunes e Szymanski (2006) realizaram um estudo de caso com uma família de baixa renda residente de um bairro periférico do extremo sul do Brasil. O resultado deste estudo, obtido através de método qualitativo, demonstrou que a família vivenciava situações consideradas de risco como privação de necessidades básicas, adoção, migração e doenças. No entanto, seus membros estabelecem entre si processos de comunicação claros e abertos, respeitando-se mutuamente e dispõe de rede de apoio social,

Considerando a literatura e de modo particular o modelo de resiliência familiar de Walsh (2005) constitui-se objetivo deste estudo descrever os fatores de risco e os padrões de

resiliência em famílias em situação de pobreza a partir das percepções de um de seus membros.

Método

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório.

Ambiente da Pesquisa

O estudo foi realizado em uma escola estadual localizada na periferia da cidade de Belém do Pará. Esta instituição atende 42 turmas, sendo 22 de ensino fundamental que fizeram parte desta pesquisa, 12 de ensino médio e 8 turmas noturna de Educação de Jovens e Adultos

Participantes

Participaram desta pesquisa 16 responsáveis de crianças em situação de vulnerabilidade social, que frequentavam a escola estadual onde a pesquisa foi realizada. Os participantes foram selecionados sob critério de serem responsáveis por crianças matriculadas nas séries iniciais do ensino fundamental (1 ao 5º ano). Por questões éticas, as participantes foram identificadas por nomes fictícios de acordo com a ordem das entrevistas realizadas.

Instrumentos e técnicas

Inventário biossociodemográfico (ISD)

O ISD é um instrumento que tem por objetivo construir um perfil biossociodemográfico dos participantes da pesquisa. Adaptado de um instrumento construído por Silva, Pontes, Lima e Maluschke, (2010) era constituído por questões referentes a: a) Identificação dos sujeitos pertencentes ao grupo familiar (nome, idade, gênero, parentesco, estado civil, etc.) e b) Dados demográficos (renda, escolarização, religião, propriedade, tamanho da residência etc.)

Entrevista coletiva

O objetivo principal desta entrevista foi compreender a resiliência familiar sob a ótica das participantes (Nunes, 2000). Para isto foram construídas três Situações Estruturadas de Investigação (SEI) (Silva, Santos, Pontes & Maluschke, 2011). Esta estratégia foi utilizada para facilitar a revelação pelos participantes de suas percepções e estratégias adotadas no cotidiano. As SEIs consistiam em situações hipotéticas que ilustravam dificuldades vividas pelas famílias. Situação Hipotética 1: ‘‘ A criança por quem você é responsável chega em casa e pede ajuda no dever de casa, você percebe que não entendeu e não sabe como resolvê-lo o que você faz?’’. Situação Hipotética 2: ‘‘ Suponha que você e o seu companheiro estão desempregados, as contas continuam chegando e vocês não tem dinheiro para pagá-las o que vocês fazem?’’. Situação Hipotética 3: ‘‘É de madrugada e você está sozinha em casa e seu filho passa mal e o posto de saúde é longe e você não tem dinheiro para pagar o transporte, o que você faz?’’

Procedimentos de coleta e de análise dos dados

Após a aprovação do projeto pelo comitê de ética da Universidade Federal do Pará e (nº do parecer 865.235) foi feito contato com a direção da escola. Com a autorização da direção da instituição foi feito o contato com as famílias por telefone marcando dia e horário para a realização das entrevistas coletivas.

Foram realizadas quatro entrevistas coletivas com quatro participantes cada. Teve duração média de 1 hora. Este procedimento ocorreu na sala de vídeo que a escola disponibilizou. Esta atividade se iniciou com a apresentação da pesquisa e posterior assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Em seguida deu-se a aplicação do ISD e por fim a apresentação das situações hipotéticas de problemas às mães e/ou responsáveis.

Em relação aos dados do ISD foram feitas análises descritivas com o objetivo de ter um perfil sobre as participantes. Os dados da entrevista coletiva foram submetidos a análise

de conteúdo de Bardin (1977) e com base no modelo de resiliência familiar de Walsh (2005). A operacionalização desta análise se deu com o auxílio do software *Nvivo 10*. Para tanto foram cumpridas as seguintes etapas: (a) organização e gerenciamento das fontes de dados no *software*; (b) codificação das fontes; (c) visualização dos resultados de codificação e (d) criação de gráficos com as categorias e subcategorias.

Resultados e Discussão

Esta seção está dividida em três momentos. O primeiro traz uma breve caracterização sociodemográfica das famílias, o segundo apresenta alguns fatores de risco ao desenvolvimento humano presentes no ambiente familiar dos participantes da pesquisa e uma breve discussão acerca deles e posteriormente o terceiro descreve as categorias encontradas no estudo a partir da análise de conteúdo de Bardin (1977) e com base no modelo de Walsh (2005) sobre resiliência familiar.

Caracterização sociodemográfica dos participantes.

Os dados mostraram que a idade média das participantes foi de 40 anos, em relação ao estado civil sete participantes eram solteira, oito casadas e uma viúva, a principal ocupação profissional das participantes foi Dona de casa, seguida de empregada doméstica. Além disso, os resultados mostraram que cinco tinham ensino médio incompleto, cinco ensino médio completo, três ensino fundamental incompleto e 3 ensino fundamental completo e os dados econômicos mostraram que sete viviam apenas com um salário mínimo, três com menos de um salário mínimo e dez participantes eram beneficiárias do programa Bolsa família.

Fatores de risco no ambiente familiar

Alguns fatores de risco foram identificados nas famílias, através do Inventário Sociodemográfico, dentre eles: baixa escolaridade dos responsáveis, renda familiar insuficiente, famílias numerosas, doença mental e qualidade da vizinhança.

O dado encontrado sobre a escolaridade está em acordo com a literatura que aponta que famílias em situação de pobreza possuem membros com baixa escolaridade, sendo assim, das 16 famílias, 6 responsáveis possuíam ensino fundamental incompleto, 2 ensino fundamental completo, 5 ensino médio completo, 3 ensino médio incompleto.

A literatura considera a baixa escolaridade dos pais, em especial, das mães como um dos fatores que podem influenciar na qualidade de estimulação ambiental oferecida a crianças e adolescentes interferindo na linguagem, vocabulário entre outros. Embora o desenvolvimento da linguagem seja algo previsível ao longo do tempo, é necessário condições ambientais mínimas como, por exemplo, a escolaridade dos pais (Sapienza e Pedrômonico 2005; Delvan, Becker & Braun, 2010).

Outro aspecto do ambiente que se relaciona com o desenvolvimento humano é a renda familiar. Escassez de recursos está associada a desemprego de ambos os responsáveis ou de um dos cônjuges. Os dados sociodemográficos demonstraram que 4 famílias vivem com menos de 1 salário mínimo por mês e 7 com 1 salário por mês. A literatura demonstra que baixa condição socioeconômica aumenta o estresse entre os adultos e interfere negativamente na relação que estes, normalmente responsáveis por crianças e adolescentes, estabelecem com seus filhos (Pilz & Scherman, 2007).

Neste estudo 6 famílias foram consideradas numerosas, uma vez que em todas viviam mais de uma família em casas com no máximo 4 cômodos. Sobre isto, Andrada, Rezena, Carvalho e Benetti (2008), consideram que famílias numerosas afetam a qualidade do ambiente familiar, pois os adultos tendem a oferecer menos suporte parental a crianças e adolescentes além do que a alta densidade habitacional pode prejudicar o desempenho cognitivo.

A doença mental esteve presente em duas famílias. Duas mães relataram terem, sido diagnosticadas com depressão. As pesquisas mostram que a saúde mental materna influencia significativamente na qualidade da relação estabelecida entre a mãe e seus filhos, consequentemente interfere no desenvolvimento destes (Martins, Costa, Saforcada & Cunha, 2004).

Por fim, a qualidade da vizinhança, bairros com expressões de violência podem ser considerados um fator de risco ao desenvolvimento de seus membros. Ceconello (2003) aponta que, a pobreza e a violência existente na comunidade tendem a potencializar os efeitos negativos associados com fatores de risco internos à família, como a violência doméstica, o alcoolismo e a depressão materna.

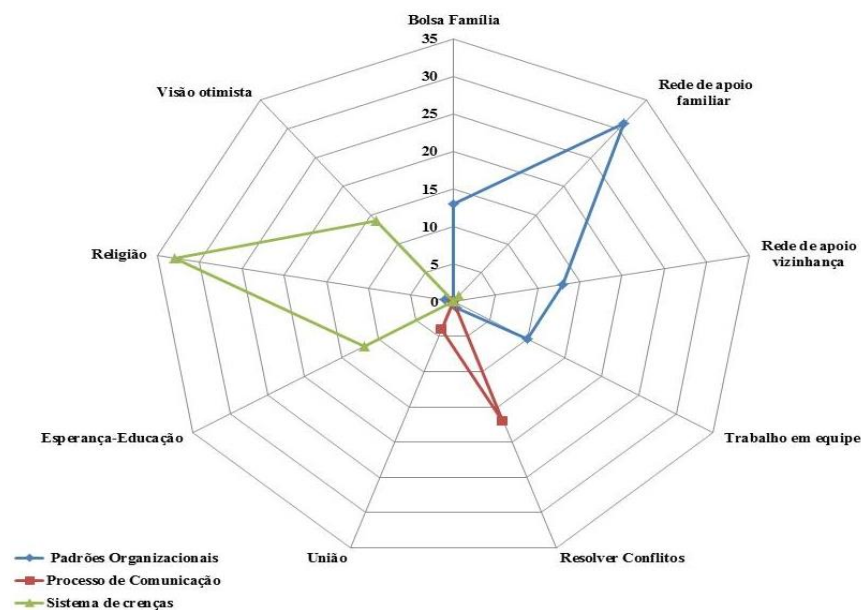
Apesar do ISD apontar a presença de fatores de risco nas famílias investigadas, fatores de proteção foram identificados nas falas dos participantes durante as entrevistas.

Padrões de resiliência familiar

Com base no modelo teórico de Resiliência familiar de Walsh (2005), foram encontradas as seguintes categorias e subcategorias: sistema de crenças (*visão otimista, religião, esperança (educação)*); padrões organizacionais (*rede social familiar e vizinhos, trabalho de equipe*) e processos de comunicação, (*resolução de conflitos e união*) e a categoria construída posteriormente que emergiu a partir dos dados (*bolsa família*).

Como pode ser observado na figura 1, o sistema de crenças teve maior destaque neste estudo, uma vez que, nos discursos das 16 participantes todas mencionaram os elementos de tal sistema. Seguido dos padrões organizacionais, especialmente, referindo-se as redes sociais que a família dispunha nos momentos de dificuldades e por último os processos de comunicação.

Figura 1. Processos-Chave da Resiliência Familiar de Walsh (2005)



Sistema de Crenças

O Sistema de crenças, segundo Walsh (2005), é o “corpo e alma da resiliência familiar” (pg. 43) e está no cerne de todo o funcionamento da família. O gráfico 2 representa a frequência que as subcategorias emergiram no estudo, observa-se que a *religião* obteve maior destaque, mencionada pelas 16 participantes. Em sequência, 12 responsáveis consideraram aspectos referentes a *visão otimista* para manter a família funcionando e a subcategoria *esperança através da educação* foi mencionada por 9 responsáveis.

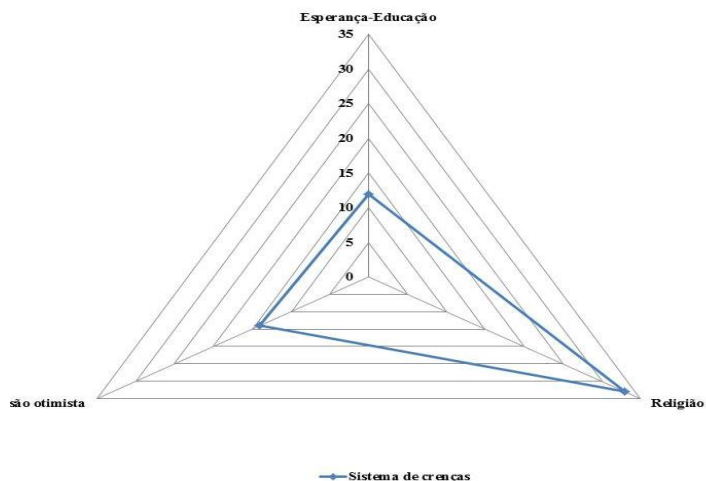


Figura 2 Sistema de Crenças das famílias

As falas das 16 participantes que mencionaram a religião revelou que estas percebem a si e suas famílias como pessoas que através da religião e fé conseguem conquistar bens materiais, reestabelecer a saúde e superar obstáculos o que demonstra um sistema de crença fortalecido. Esta percepção pode ser identificada na fala de Núbia que disse:

“ olha a gente acredita que vai superar os problemas, por exemplo num caso de doença a gente luta pra que aquilo melhore né? Pede a Deus também e ele ajuda” (*Participante Núbia-entrevista coletiva*).

A literatura acerca da religião como fator de proteção aponta que esta propicia espaços para expressar crenças, assim como apoio da congregação em momentos de dificuldades e, além disso, proporciona um sentido na vida para as pessoas que confessam sua fé através de alguma religião. Estudos demonstram que a religião, dentre outros fatores, exerce um papel de proteção diante de situações de riscos (Sanchez, Oliveira e Napo, 2004; Walsh, 2005).

Em relação a subcategoria *visão otimista*, os dados revelaram a percepção das participantes sobre as dificuldades que enfrentam no cotidiano e suas crenças na superação e no caráter transitório dos problemas. Os resultados apontaram que as famílias tendem a manter o otimismo, mesmo diante de situações estressantes como pode ser percebido na fala da participante Clara:

“ Olha eu não sou de me abater, eu posso chorar, mas eu vou a luta eu acredito que posso superar os problemas” (*participante Clara-entrevista coletiva*).

Barbosa (2006), diz que ser otimista diante da adversidade é uma possibilidade de acreditar que o futuro será melhor e mais do que isso, ter meios de se organizar diante do problema sem sucumbir a ele, o que impulsiona as famílias irem atrás de soluções. Além disso, “o poder do pensamento positivo” (Walsh, 2005, pg.60) gera efeitos no enfrentamento das crises e do estresse o que, segundo esta autora, caracteriza as famílias com bom funcionamento.

A última subcategoria do sistema de crenças foi *esperança através da educação*, nove participantes demonstraram acreditar que por meio dos estudos a vida de seus filhos, netos será melhor no futuro. Observou-se que as famílias consideram a educação um meio de propiciar oportunidades as gerações mais jovens que elas mesmas não tiveram acesso. Isso contradiz Matos (2015) e Mazzoti, (2006) cujos dados revelaram baixa valorização pelas famílias da educação a partir do ponto de vista de profissionais que atuam com famílias pobres. A participante Paula diz:

“ Eu incentivo muito os estudos deles, por causa da educação né? E porque o estudo vai dar alguma coisa pra eles melhor, vencer, mais

conhecimento e no futuro emprego” (*Participante Paula-entrevista coletiva*)

Ainda sobre a esperança, observou-se nas falas das participantes que estas parecem não acreditar que seus filhos sejam capazes de conseguir ingressar em universidades ou exercer profissões consideradas de elite, como se esta fosse uma realidade inacessível. Esta é uma das manifestações mais fortes da pobreza, ou seja, a percepção de que os membros de sua família não tem a capacidade ou direito de sonhar com um futuro melhor (Sarti, 2011). Na visão destas participantes basta ter um emprego para considerarem que a pessoa “ venceu na vida”.

“ Eu digo pra ele estudar, nem é que ele vá ser um médico ou advogado, mas pelo menos pra ter o emprego dele, ser alguém trabalhador.” (*Participante Eloisa-entrevista coletiva*)

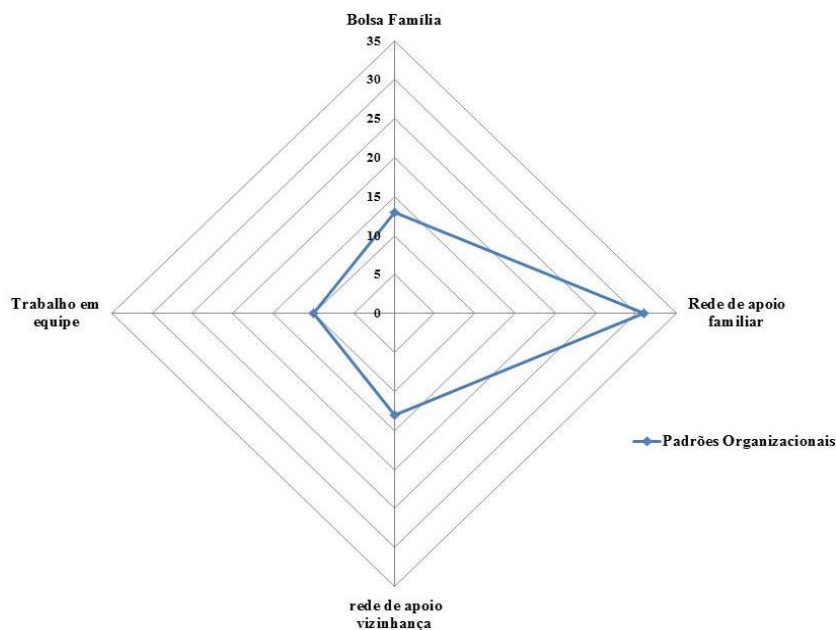
Sarti (2011), aponta que o trabalho para o pobre vai além das necessidades de subsistência física e material, É através do trabalho que os pobres demonstram sua honestidade e disposição de vencer na vida, sendo que “ vencer” não significa ascensão social, mas se afirmar pelo valor positivo do trabalho.

Padrões organizacionais

Os padrões organizacionais referem-se ao modo que as famílias se reorganizam diante de situações de estresse, conflitos, à sua rede de apoio social e econômica (Walsh,2005). Neste estudo, esta categoria é constituída por quatro subcategorias: *rede de apoio familiar*, *rede de apoio na vizinhança*, *trabalho de equipe* e *bolsa família*. Esta última categoria não faz parte do modelo de Walsh (2005), mas com base nos dados obtidos, foi adicionada devido sua menção frequente pelos participantes. A figura 3 mostra que *rede de apoio familiar* foi a

subcategoria mais mencionada pelas participantes com 13 menções seguida de *trabalho de equipe* que emergiu na fala de 10 responsáveis, a subcategoria *bolsa família*, foi mencionada por 8 pessoas e por último *rede de apoio na vizinhança* que destacou-se no discurso de 4 participantes.

Figura 3. Padrões Organizacionais das famílias



Os dados sobre *rede de apoio familiar* apontaram que 13 famílias participantes do estudo em momentos de dificuldades recorrem exclusivamente aos seus próprios familiares para auxiliá-las, ou seja, na maioria dos relatos o único apoio social recebido pelas participantes é da sua família extensa, isto pressupõe um grupo familiar fortalecido que se ajuda nos momentos de adversidades. Este resultado demonstra que em nenhum dos discursos a rede de apoio macrossocial, representada pelas políticas públicas e os profissionais que nelas atuam, fora mencionada pelas participantes o que provavelmente demonstra a fragilidades destas redes em atender as demandas das famílias pobres.

As falas das participantes revela que a *rede de apoio familiar*, é ativada nos momentos de dificuldades em que se recorre aos familiares para auxiliá-las seja no aspecto financeiro, ajuda escolar aos filhos, emocional e/ou de saúde.

“ Sem dúvidas eu conto com a minha família, eu não levo pra fora de casa meus problemas” (Participante Elida- entrevista coletiva)

“ A minha família que ajuda, meus irmãos, mas assim ajudando em material escolar e não pagando as minhas contas, mas dando alimentação, saúde, material escolar eles ajudam”. (Participante Cátia-entrevista coletiva)

Os dados encontrados sobre a rede familiar estão de acordo com a literatura sobre a importância destas na vida das famílias em situação de pobreza. Martins (2011) justifica esta importância ao considerar que estas famílias enfrentam diariamente dificuldades, seja no acesso a serviços públicos de qualidade e até a ausência de políticas públicas para atendê-las, restando-lhes apenas como suporte as ações da própria família.

Na subcategoria *trabalho de equipe* as 10 participantes disseram ter pessoas com quem dividir as tarefas de casa, ou seja, são delimitadas as funções e responsabilidades nestes grupos familiares favorecendo a colaboração entre os membros no cotidiano e resolução de conflitos, além disso, a divisão de tarefas é positiva porque não sobrecarrega apenas um sujeito do grupo familiar. A participante Valeria diz:

Cada um faz alguma coisa, até os pequenos estão varrendo, tirando o lixo. Eu cozinho, trabalho e eles me ajudam porque somos eu e eles (Participante Valeria-entrevista coletiva).

Segundo Walsh (2005) o trabalho em equipe é de extrema importância para manter o ambiente familiar funcionando de maneira saudável sem que apenas uma pessoa fique sobrecarregada enquanto outros são menos solicitados, logo, a colaboração entre os membros das famílias propicia um bom funcionamento do grupo familiar.

A subcategoria *bolsa família* destacou-se no discurso de 8 participantes sendo considerada por estas participantes uma *ajuda* para complementar a renda familiar.

“Eu acho o bolsa família bom porque é uma ajuda para muitas famílias que precisam, igual a minha” (*Participante Raissa-entrevista coletiva*).

Das 16 famílias investigadas, dez recebiam o benefício do programa, sendo que apenas três não trabalhavam, as demais mesmo recebendo o benefício tinham alguma ocupação profissional, o que contradiz a percepção do senso comum de que as famílias beneficiárias deixam de trabalhar por conta do programa. Soares, Ribas e Osório (2010), reforçam que não existem dados científicos que comprovem que as famílias não querem trabalhar pelo fato de receber o recurso monetário e destacam alguns ganhos aos beneficiários em participar de tal política como o acesso aos direitos de saúde, educação e trabalho.

A *rede de apoio na vizinhança* no presente estudo não foi mencionada com frequência, pois apenas 4 participantes disseram recorrer aos vizinhos em momentos de dificuldades. Todas as menções envolveram situações de empréstimo de dinheiro, alguns casos de saúde e reforço escolar para os filhos como pode ser observado na fala a seguir:

“ No meu bairro eu raramente peço ajuda, mas tenho alguns vizinhos que me ajudam se eu precisar de dinheiro” (*Participante Fabia-entrevista coletiva*)

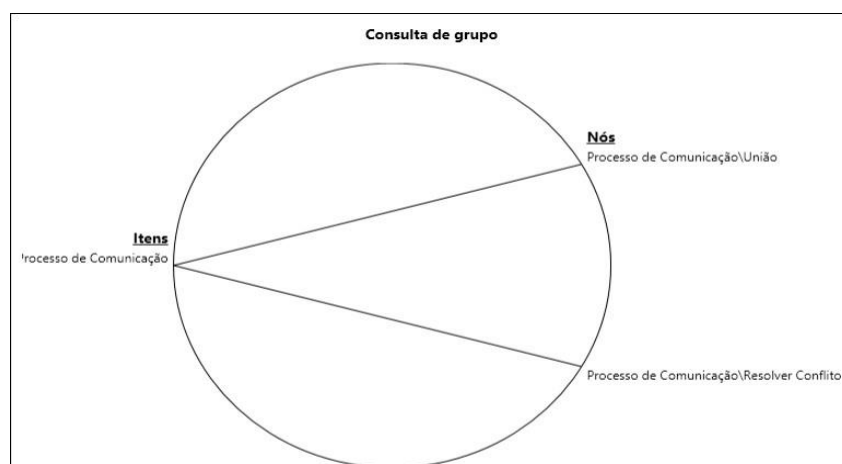
Um aspecto relevante para o baixo índice de menções das participantes sobre apoio na vizinhança foi o fato delas relatarem que não levam seus problemas para fora de casa, pois, têm medo de que isto vire “ fofoca” no bairro. Entretanto, 4 participantes mencionaram poder contar, além da família, com seus vizinhos e este dado reforça a importância que a comunidade exerce no cotidiano das famílias em situação de risco (Martins, 2011).

Os dados encontrados são coerentes com aqueles descritos por Mota, Bessa, Oliveira, Leite, Marques e Silva (2010), que ao realizarem uma pesquisa na periferia de Fortaleza sobre rede social de famílias pobres observaram que 68,3% destas quando necessitam de auxílio recorrem aos próprios familiares sendo a ajuda financeira encontrada em 58% dos casos, enquanto que apenas 32,6% pedem auxílio para vizinhos.

Processos de Comunicação

A última categoria foi processo de comunicação e suas subcategorias *resolução de conflitos e união familiar*. Esta foi a categoria de menor destaque na fala das participantes. A *resolução de conflitos* e a *união familiar* foram mencionadas por 7 participantes. A figura 4 demonstra a consulta por grupos da categoria e suas subcategorias.

Figura 4. Processos de Comunicações das Famílias



A subcategoria *resolver conflitos* trouxe dados acerca da percepção das participantes sobre a colaboração e auxílio que elas recebem das suas respectivas famílias extensas nos momentos de dificuldades. Esta colaboração foi associada com ajuda tanto financeira, material, quanto ajuda em questões emocionais, onde elas disseram ter pessoas com quem conversar e pedir opiniões para resolver algum conflito. Esta percepção pode ser observada na seguinte fala:

“ Eu sempre posso conversar, pedir opinião para a minha irmã, ela sempre me ajuda aconselhando alguma coisa pra resolver meus problemas e com os meninos também” (*Participante Núbia-entrevista coletiva*)

Segundo Walsh (2005) a colaboração dos membros da família na solução de problemas, ou seja, administrar o problema em conjunto, é o que distingue uma família com bom funcionamento e possibilidades de resiliência de uma família que dispõe pouco desta possibilidade. Yunes e Symanski (2006) ao estudarem uma família de baixa renda do extremo sul do Brasil, dentre outros resultados demonstraram que mesmo vivenciando situações de crise, o grupo mantinha controle de tais situações por meio de uma comunicação aberta entre seus membros, ou seja, o diálogo, o respeito e o apoio mútuo como um recurso utilizado no enfrentamento das adversidades na família.

Os dados da última subcategoria *união familiar* demonstraram que as participantes percebem suas famílias como um grupo em que seus membros se ajudam durante as necessidades, e que esta união facilita a manutenção do autocontrole diante de situações estressantes e a certeza de que os problemas podem ser solucionados devido a colaboração e apoio do grupo familiar.

“ Graças a Deus, nós somos uma família muito unida, isso é o que mais acho bom da gente. Quando um precisa a gente se une pra ajudar, cada um do jeito que pode, e sempre estamos sentando e conversando pra resolver algum problema” (*Participante Marta-entrevista coletiva*).

Walsh (2005), diz que a base de união é encorajada pelo compartilhamento de emoções, conflitos, problemas em famílias que tem a característica de funcionar bem, mesmo com a dificuldade. A união familiar é constituída do respeito nas mensagens transmitidas entre os membros do grupo familiar, na colaboração diante da dificuldade que um ou a família em geral enfrentam, não existe a responsabilização de apenas um ou outro membro diante da adversidade e as pessoas tendem a ser confiantes de que terão espaço para falar e ouvir.

De maneira geral, os dados mostram que as famílias enfrentam situações consideradas de risco para o desenvolvimento saudável de seus membros, mas os fatores de proteção, segundo a percepção de um dos seus membros, parecem atuar amortecendo seus efeitos negativos para o desenvolvimento.

Considerações finais

Este estudo contribuiu ao descrever famílias pobres, expostas a situações ameaçadoras ao desenvolvimento. No entanto, apesar dos riscos associados à pobreza, observou-se fatores intrafamiliares protetivos, geradores de benefícios ao desenvolvimento das gerações mais jovens. Dentre eles: a presença de religião no ambiente familiar, valorização da educação, visão otimista, rede de apoio familiar e processos de comunicação fortalecidos. Todos estes elementos contribuem para que as famílias organizem o ambiente de maneira saudável ao desenvolvimento de seus membros, em especial, de crianças e adolescentes.

Observou-se que apesar da percepção pessimista que a sociedade detém de famílias que se encontram em situação de pobreza, elas contavam com a presença de fatores intrafamiliares protetivos. Apesar das adversidades de se viver em condições de vulnerabilidade social as participantes demonstraram que suas famílias são hábeis em manter o ambiente familiar organizado o que influencia no desenvolvimento saudável de seus membros.

Este estudo teve algumas limitações principalmente no que se refere à coleta de dados uma vez que a pesquisa foi realizada apenas com um membro de cada família, não sendo possível acessar outros membros do grupo familiar. É possível que a participação de mais de um membro da família permitisse o acesso a um conjunto de informações referentes ao funcionamento familiar que contribuiria com a compreensão mais ampla dos padrões de resiliência do grupo.

Sugere-se que em futuras pesquisas investigue-se o modo como as famílias se organizam e se reorganizam não apenas em situações hipotéticas, mas também diante de dificuldades reais, ou seja, como enfrentam situações de crises como de doença, morte, falta de dinheiro, etc.

Conclusão

Esta dissertação teve como objetivo descrever os padrões de resiliência familiar na perspectiva de professores e de um dos membros das famílias. Para isso realizaram-se dois estudos. No primeiro investigou-se a resiliência familiar do ponto de vista de professores acerca das famílias de seus alunos em situação de vulnerabilidade social e o segundo descreveu os fatores de risco e padrões de resiliência em famílias em situação de pobreza a partir das percepções de um de seus membros.

No primeiro estudo observou-se que os professores identificam a resiliência familiar na dimensão abstrata, mas não no concreto, visto que eles deixam claro o que pensam sobre as possibilidades de resiliência, reconhecida e em sintonia com o modelo da Walsh, mas na prática, eles não identificam estes elementos nas famílias de seus alunos. A visão que os profissionais possuíam das famílias era a de que são pessoas que não valorizam a educação, irresponsáveis e que não querem “ crescer” na vida. Entende-se que o modo como os professores percebem as famílias de seus alunos pode exercer influência no tipo de relacionamento estabelecido com estes.

O segundo estudo realizado com as famílias da escola revelou que embora o ambiente familiar seja marcado por fatores de risco, ao contrário do que indica as falas dos professores no estudo 1, as famílias pesquisadas visualizavam um futuro melhor para seus filhos, através da educação, evidenciando que estes sujeitos valorizam e acreditam que estudar possa proporcionar melhores condições de vida no futuro. Além disso, observou-se fatores intrafamiliares protetivos, geradores de benefícios ao desenvolvimento das gerações mais jovens como um sistema de crenças forte que se revela em práticas religiosas, na visão otimista e na esperança de um futuro melhor. Ademais, identificou-se padrões organizacionais marcados pela presença de rede de suporte familiar e de vizinhos; além de processos de comunicação intrafamiliares claros estabelecidos para resolução de conflitos.

Estes dois estudos são complementares nos seus objetivos e nas implicações de seus resultados. Alguns aspectos chamaram a atenção nos estudos e que se interligam. O primeiro é que os pais e/ou responsáveis pelas crianças identificam os professores apenas como profissionais “ contedistas”, ou seja, enxergam estes professores apenas como um fonte de sanar dúvidas com deveres de casa dos filhos esse dado tem relação com a baixa escolaridade dos responsáveis. Outro aspecto que o presente estudo traz é a visão negativa que a escola tem de que as famílias não valorizam a educação e o estudo II aponta que as 16 participantes

demonstraram valorizar e acreditar que por meio da educação o futuro dos seus filhos será melhor, entretanto, apesar das participantes demonstrarem o valor positivo que dão para a educação elas não acreditam na possibilidade de seus filhos virem a se tornar profissionais de qualificação superior, mas conformam-se que eles tenham uma ocupação profissional digna e não necessariamente ascendam socialmente.

Portanto, no estudo 1 ao revelar a visão pessimista dos professores acerca das famílias investigadas e o estudo 2 apontar a percepção otimista dos membros da família acerca de si possibilita planejar ações que estabeleçam pontes entre estes dois microsistemas, ou seja, canais de comunicação entre a família e a escola de modo que os professores tenham acesso aos aspectos positivos do funcionamento das famílias pobres que atendem e, por sua vez, que favoreçam às famílias a capacidade de identificar os professores como uma importante rede de apoio.

Sugere-se que outras pesquisas acerca da resiliência familiar sejam realizadas com intuito de conhecer como as crenças de profissionais que atuam com famílias pobres influenciam em suas práticas profissionais com estes sujeitos e como as famílias se organizam diante de situações de adversidades reais. Ademais, pesquisas futuras podem contribuir com o estudo da resiliência familiar identificando o papel da escola, em particular, dos professores nas estratégias de enfrentamento das adversidades vividas pelas famílias pobres.

Referências

Amann, S.B (2013). Expressões da pobreza no Brasil: análise a partir das desigualdades regionais. São Paulo: Cortez.

Andrada, E.G.C., Rezena, B.S., Carvalho, G.B., Benetti, I.C. (2008) Fatores de risco e proteção para a prontidão escolar *Psicologia : ciência e profissão*. vol.28 no.3 Brasília Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

- Andrade, G. R.; Vaitsman, J. (2002). Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, 7, 925-934.
- Angst, R. (2009). Psicologia e Resiliência: uma revisão de literatura. In: *Psicologia argumento*. v. 27 n. 58.
- Barbosa, G. S. (2006.)Resiliência em Professores do Ensino Fundamental de 5ª a 8ª série: Validação e Aplicação do “Questionário do Índice de Resiliência: Adultos – REIVICH – SHATTÉ/BARBOSA”. 331 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar do Programa de Estudos de Pós-graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1979).
- Cidade, E.C; Junior, F.M.J & Ximenes, V.M. (2012). Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano. *Psicologia e Argumento* p.87-98.
- Cecconello, A. M. Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco.(2003). Tese de Doutorado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- De Antoni, C., Barone, L., & Koller, S. H. (2011). Violência e pobreza: Um estudo sobre vulnerabilidade e resiliência familiar. In D. D. Dell'Aglio, S. H. Koller, & M. A. M. Yunes (Eds.), *Resiliência e Psicologia Positiva: Interfaces do risco à proteção* (pp. 141-171). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Dessen, M. A.; Polonia, A. C. A.(2007) família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia, Ribeirão Preto*, v. 17, n. 36.
- Evans, G.W. & Kim, P. (2013). Childhood Poverty, Chronic Stress, Self-Regulation and Coping.
- Garcia, N. M., Yunes, M. A. M. (2011). Resiliência familiar: baixa renda e monoparentalidade. In: Guzzo, R. S.L., Dell'aglio, D. D., Koller, S. H. (Orgs). *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*.SãoPaulo: Casa do psicólogo.
- Germano, I.M.P & Colaço, V.F.R. Abrindo caminho para o futuro: redes de apoio social e resiliência em autobiografias de jovens socioeconomicamente vulneráveis. *Estudos de Psicologia*, 17(3), setembro-dezembro/2012, 381-387
- Halpern, R. & Cachapuz, R.F. (2006). A influencia das variáveis ambientais no desenvolvimento da linguagem em uma amostra de crianças. *Revista da AMRIGS-Porto Alegre*.

Martins, M.F.D., Costa, J.S.D., Saforcada, E.T., Cunha, M.D.C. (2004). Qualidade do ambiente e fatores associados: um estudo em crianças de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil *Caderno Saúde Pública* vol.20 n.3 Rio de Janeiro

Martins, E. (2011). Família em situação de risco e rede social de apoio: um estudo em comunidade de periferia metropolitana. *Revista @mbienteeducação* V. 4, nº 1.

Masten, A.S (2001). Ordinary magic: resilience processes in development. *American Psychologist*, 56 (3), 227-238.

Mazzoti, A.J (2006). O “aluno da escola pública”: o que dizem as professoras. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 87, n. 217, p. 349-359.

McCubbin, H. I. &McCubbin, M. A. (1988). Typologies of resilient families: emerging roles of social class and ethnicity. *Family Relations*, 37, 247-254.

Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development*, 56, 289-302.

Mota, F.R.N., Marques, M.B., Bessa, M.E.P., Leite, B.M.B., Silva, M.J. (2010). Família e redes sociais de apoio para o atendimento das demandas de saúde do idosos *Esc Anna Nery* (impr.) 14 (4):833-838.

Pilz, E.M.L & Schermann LB. (2007) Determinantes biológicos e ambientais no desenvolvimento neuropsicomotor em uma amostra de crianças de Canoas/RS. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12(1), pp.181-190.

Poletto, M; Koller, S. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção .*Estudos de Psicologia*

Rutter, M. (1993) Resilience: some conceptual considerations. *Journal of Adolescent Health*, 14, 626-631.

Santos, A.F. (2011). A resiliência e sua forma de promoção em famílias que convivem com a doença crônica. [Monografia]. Especialização em Atenção Básica em Saúde da Família/UFMG.

Sanchez, Z. V. M., Oliveira, L. G. & Nappo, S. A. (2004). Protective factors from adolescents against drug use emphasizing the role of religiosity. *Ciência e Saúde Coletiva*, 9(1), 43-55.

Sapienza, G., Pedromônico, M.R.M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 10, n. 2, p. 209-216.

Sarti, C.A. (2011), *A família como espelho : um estudo sobre a moral dos pobres* 7. edição. São Paulo: Cortez

- Silva, M.R.S; Elsen, I; Lacharité, C. (2003). Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Revista Paidéia*, v.13, n.26, p.147-156.
- Silva, M.R.S., Lacharité, C., Silva, P.A., Lunardi, V.L., Lunardi, D.F. (2009). Processos que sustentam a resiliência familiar: um estudo de caso. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis, 18(1): 92-9.
- Silva, M.O.S. (2010). Pobreza, desigualdade e políticas públicas: caracterizando e problematizando a realidade brasileira. *Revista Katálysis*. Florianópolis v. 13 n. 2 p. 155-163
- Silva, S.S.C; Pontes, F.A.R; Santos, T.M; Maluschke, J.B; Assef, L.S.M, Reis, D.C & Silva, S.D.B (2010). Rotinas Familiares de Ribeirinhos Amazônicos: Uma Possibilidade de Investigação *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 26 n. 2, pp. 341-350
- Soares, F. V., Ribas, R. P., & Osório, R. G. (2010). Evaluating the impact of Brazil's BolsaFamília. *Latin American Research Review*, 45(2), 173-190.
- Tancredi, R.M.S & Raeli, A.M.M.R. (2001). Visões de professores sobre as famílias de seus alunos: um estudo na área da educação infantil. Universidade Federal de São Carlos.
- Walsh, F. (2005). Fortalecendo a Resiliência Familiar
- Yunes, M. A. (2001). Questão triplamente controversa da resiliência em famílias de baixa renda. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo
- Yunes, M. A. M.; Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em: Tavares J. (Org.) *Resiliência e Educação*, (pp. 13-42). São Paulo: Cortez.
- Yunes, M.A.M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia Estudo*. 8 (esp.): 75-84.
- Yunes, M.A.M., Mendes, N.F., Albuquerque, B.M.(2005). Percepções e Crenças de Agentes Comunitários de Saúde sobre Resiliência em Famílias Monoparentais Pobres. *Texto Contexto Enfermagem*, Florianópolis.
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2006). O estudo de uma família que supera as adversidades da pobreza: Um caso de resiliência em família. *Psicodébate: Psicologia, Cultura y Sociedad*, 7, 119-139.
- Zhang, Y. (2012). Educational expectations, school experiences and academic achievements: A longitudinal examination . University of Pennsylvania. Gansu Survey of children and families.

Apêndices

Apêndice-A Tópicos da entrevista com os professores

Qual sua função na escola?

Você considera essa função importante? Porque?

Como é a sua relação com as famílias de seus alunos?

Dentre essas famílias, você consegue perceber algumas que conseguem superar as dificuldades de viver em situação de pobreza? Você consegue citar exemplo? Qual a diferença dessas para as outras?

Qual sua importância em estimular a participação das famílias na escola, na vida dos filhos?

Você percebe alguma diferença entre as famílias que recebem o bolsa família e as que não recebem? Se sim, Qual?

Apêndice B- Histórias Fictícias e tópicos da entrevista coletiva com os professores

Família 1

Maria, 26 anos, casada e mãe de dois filhos.

João, 30 anos, marido e pai dos filhos de Maria

Julia de 8anos e Bruno de 6 anos. A família reside no bairro do Guamá. A casa da família possui dois cômodos: um dividido em sala e cozinha, e um quarto onde os quatro dormem.

Maria é empregada doméstica possui renda mensal de R\$480,00. Trabalha de 8 as 17h, 5 vezes por semana.

João encontra-se desempregado, mas exerce a profissão de pedreiro e faz “bicos” pelo bairro.

Julia e Bruno frequentam uma escola pública localizada no bairro. Ambos apresentam dificuldades no aprendizado.

Família 2

Teresa, 28 anos casada e mãe de três filhos.

Valter, 32 anos, marido e pai dos filhos de Teresa.

Kelly, 8 anos, Kátia, 6 anos e Mateus 2 anos. A família reside no bairro do Guamá. A casa da família possui dois cômodos: um dividido em sala e cozinha, e um quarto onde todos dormem.

Teresa é diarista e recebe por mês R\$480,00. Trabalha de 8 as 16h , 5 vezes por semana.

Valter encontra-se desempregado e faz bicos de encanador pelo bairro.

Kelly e Kátia frequentam uma escola pública localizada no bairro. Apesar de algumas dificuldades as crianças tem boas notas.

Roteiro da Entrevista coletiva

- 1- Porque vocês acham que em uma família as crianças estão dando conta das atividades escolares e em outra não?
- 2- O que você percebe de diferente nessas duas famílias?
- 3- Quais características vocês destacariam como sendo positivas e negativas em uma família?
- 4- Para vocês o que significa ser uma família boa e uma família ruim?

5- Para vocês o que uma família precisa ‘ter’ para ser considerada boa ou ruim?

Apêndice C- Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Caro participante,

Estamos convidando você a participar da pesquisa intitulada “Pobreza e Ecologia do Desenvolvimento”, realizada pelo Laboratório de Ecologia do Desenvolvimento, da Universidade Federal do Pará. A pesquisa em questão pretende investigar aspectos psicossociais de famílias vivenciando situações de vulnerabilidade social e como essas situações podem afetar o desenvolvimento humano. Os dados coletados a partir de pesquisa de campo (entrevistas, questionários) serão utilizados somente para os fins desta pesquisa e tratados com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade, mesmo quando ocorrer a divulgação dos resultados da pesquisa em reuniões científicas e publicações em meios científicos. Além disso, informamos que o tempo estimado para realização da pesquisa varia de um dia há 24 meses.

O risco de tratamento cruel, discriminatório ou constrangedor pela realização das entrevistas e do grupo focal é praticamente inexistente. Na casualidade de ocorrer qualquer situação observada como riscos à intimidade dos participantes entrevistados, serão providenciadas medidas para reparar as falhas.

Os benefícios trazidos pela pesquisa estão relacionados à possibilidade de mudanças que possam melhorar a qualidade de vida dos sujeitos envolvidos, especialmente no que se refere ao fortalecimento de vínculos sociais e afetivos essenciais para o desenvolvimento humano.

Informamos que você não pagará nem será remunerado por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação na pesquisa.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos pode me contatar. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual conteúdo, sendo uma delas, devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Convido você a tomar parte da pesquisa apresentada. Ressalto que em qualquer momento da pesquisa, será possível interromper sua participação sem qualquer problema ou retaliação, solicita-se apenas que seja avisada sua desistência.

Pesquisador Responsável: Prof. Dr. Fernando Augusto Ramos Pontes

Endereço: Av. Centenário, Cond. Água Cristal, Rua Bejupirá, 39 CEP: 66635-894

Fone: (91) 8138-4971/ (91) 9609-8322

Endereço do Comitê de ética do Núcleo de Medicina Tropical/UFGA: **Av. Generalíssimo Deodoro, 92. Umarizal. CEP: 66055-240**

Fone: 3201-6857

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que li as informações acima sobre a pesquisa, e que me sinto esclarecido (a) sobre o conteúdo da mesma, assim como os seus riscos e benefícios. Declaro que, por minha livre vontade, confirmo minha participação na presente pesquisa.

Belém, _____/_____/_____

Assinatura do(a) Participante

Apêndice D – Inventário Sociodemográfico

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM TEORIA E PESQUISA DO
COMPORTAMENTO
LABORATÓRIO DE ECOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

I - DADOS GERAIS DA FAMÍLIA

1. Aplicador: _____

Data: ____/____/____ Família: n°. _____

2. Questionário respondido por: mãe pai responsável 3.

Comunidade: _____

II - COMPOSIÇÃO FAMILIAR

NO ME	STAT US FAMIL IAR	IDA DE	ESTA DO CIVI L	OCUPAÇÃO /LOCAL	ESCOLARI DADE/ LOCAL	DOCUMENTAÇÃO*					
						C N	C I	C P F	CT PS	T E	C R

*CN = Certidão de Nascimento / CI = Carteira de Identidade / CPF = Cadastro de Pessoa Física / CTPS = Carteira de Trabalho e Previdência Social / TE = Título de Eleitor / CR = Carteira de Reservista

1. Há quanto tempo você mora na comunidade?

2. Você tem mais algum parente que more na comunidade? Quem?

3. Quantas famílias moram na residência? _____

4. Cidade de

origem: _____

5. Em que ano se casou na atual

união: _____

6. Número de uniões: -

7. Como você imagina que será a vida dos seus filhos daqui a dez anos?

8. Por que você quer que seus filhos freqüentem a escola?

III - CARACTERÍSTICAS DO DOMICÍLIO

1. MORADIA: Própria () Alugada () Cedida ()

OUTRA _____

2. TIPO DE CONSTRUÇÃO: Alvenaria () Madeira () Taipa/Barro ()

Mista () Material reaproveitado ()

Outros _____

4. Nº DE CÔMODOS: _____

5. Quais: _____

6. EQUIPAMENTOS E MÓVEIS:

Geladeira () Fogão () Televisão () Rádio () Cama ()

Outros _____

7. ENERGIA ELÉTRICA: Relógio de controle próprio () Gerador particular ()
) Improvisada (gato) () Sem energia () Relógio Comunitário ()
 Lamparina ()

8. ABASTECIMENTO DE ÁGUA: Rede Pública (encanada) () Poço () Torneira
 Coletiva () Barco de distribuição ()

9. Recebe algum tipo de tratamento? S() N() 10.

Qual _____

11. DESTINO DO LIXO DOMICILIAR: Coleta () Via Pública/ Corrente de
 água Natural () Queimado () Enterrado ()

Outro _____

12. DESTINO DO ESGOTO DOMICILIAR: Rede Pública () Céu aberto ()
 Fossa () Outro _____

13. Quais são as doenças mais freqüentes na
 família? _____

14. Quais são os remédios utilizados?

IV - CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS

1. Renda Familiar Mensal: _____

2. Quais os membros que contribuem para o orçamento familiar:

3. Quem controla o dinheiro da família:

4. Beneficiária de algum programa de transferência de renda? S() N()

5. Qual(s)? _____ 6. Há quanto
 tempo? _____

7. Quem é o titular do cartão?

8. Quem vai ao banco receber o
 benefício? _____

9. Qual o valor do benefício? _____ 9.

Referente a quantas crianças? _____

10. Como você gastou o benefício no mês passado? _____

11. Como você conseguiu o cadastro? _____

12. Quanto tempo demorou para você receber o benefício? (tempo entre o cadastro e o recebimento) _____

13. Atualmente você recebe (recebeu) a visita de técnicos ou profissionais de saúde/educação? _____

Observações: _____